



ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO

Leia nesta edição

PÁGINA 03 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 5 | Depoimentos de participantes do Projeto Pró-Maior: Os bons caminhos da maturidade

PÁGINA 6 | Maria Cristina Caminha de Castilhos França: Uma discriminação internalizada

PÁGINA 10 | Agostinho Both: A velhice é o resultado das condições de vida apreendidas

PÁGINA 14 | Johannes Doll: “Existem muitas velhices”

PÁGINA 17 | Emílio Moriguchi: “Envelhecer não é um castigo, é uma conquista”

PÁGINA 20 | Sonia Bredemeier: O despreparo da sociedade em enfrentar o envelhecimento

PÁGINA 23 | Suzana Wolff: O envelhecimento é um processo natural,
não uma doença terminal

PÁGINA 26 | Sergio Antônio Carlos: Em geral, as pessoas não se
preparam para a aposentadoria

PÁGINA 31 | Josiane Siviero: A importância da alimentação correta na terceira idade

B. Destaques da semana

PÁGINA 38 | » BRASIL EM FOCO

PÁGINA 41 | » ARTIGO DA SEMANA

PÁGINA 43 | » TERRA HABITÁVEL

PÁGINA 44 | » DESTAQUES ON-LINE

PÁGINA 45 | » FRASES DA SEMANA

PÁGINA 47 | » FILME DA SEMANA

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 51 | Eliane Colussi: O coronelismo como componente fundamental do sistema político brasileiro

PÁGINA 54 | Mario Maestri: Capitania d’el-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense

PÁGINA 57 | Márcia Junges: Democracia agonística e radicalismo aristocrático,

paradoxo nietzschiano

PÁGINA 64 | Luiz Carlos Susin: “Uma biografia inquietante e fascinante também para nosso tempo”

PÁGINA 67 | José Alberto Baldissera: Uma verdadeira e bela poesia

PÁGINA 70 | Bárbara Steffen: Oncologia pediátrica: desafios do psicólogo hospitalar junto à família

NOTA DE ESCLARECIMENTO 72 |

CARTA AO LEITOR 72 |

PÁGINA 73 | IHU Repórter

Editorial

O envelhecimento populacional é o tema de capa desta edição.

Especialistas de diversas áreas do conhecimento mostram que “envelhecer não é um castigo, mas uma conquista”, como afirma o médico Emílio Moriguchi, coordenador do Centro de Geriatria e Gerontologia do Hospital Moinhos de Vento, de Porto Alegre. Além dele, também contribuem na discussão do tema, a professora Maria Cristina França, que fala sobre a velhice sob o olhar da antropologia; o gerontólogo Agostinho Both, da Universidade de Passo Fundo; o teólogo Johannes Doll, coordenador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento da UFRGS; a assistente social e professora na Unisinos Sonia Bredemeier, que critica o despreparo da sociedade para enfrentar o envelhecimento; a educadora física Suzana Wolff, que coordena o Programa Pró-Maior da Unisinos; o professor Sergio Antonio Carlos, editor da Revista *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, publicada pela UFRGS; e a nutricionista Josiane Siviero, professora do Centro Universitário La Salle. A presente edição retoma o tema que já foi debatido na revista *IHU On-Line* n.º 50, de 1-3-2003.

Luís Susin, frei capuchinho, teólogo renomado, discorre sobre Francisco de Assis, já que o Ciclo de Estudos Idade

Média e Cinema exibirá e debaterá, no próximo sábado, o filme *Irmão Sol, Irmã Lua*, de Franco Zefirelli. O Prof. Dr. José Alberto Baldissera comenta o filme.

Buscando entender melhor o Brasil e a Formação Social Sul Rio-Grandense, a Prof.^a Dr.^a Eliane Colussi, vice-reitora da UPF e o Prof. Dr. Mário Maestri apresentam, respectivamente, os livros *Coronelismo, enxada e voto* de Vitor Nunes Leal e livro *Capitania d’el-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense*, de Moysés Vellinho.

Já a nossa colega jornalista Márcia Junges, que acaba de defender a sua dissertação de mestrado em Filosofia, discorre sobre o tema *A crítica de Nietzsche à democracia*, que será apresentado no *IHU Idéias* desta quinta-feira.

O *Filme da Semana*, só poderia ser *Volver*. Como afirma Neusa Barbosa, “Almodóvar acerta mais uma vez em cheio no coração feminino, com toda a complexidade e riqueza dos matizes das personalidades das mulheres, compreendendo-as sem julgá-las nem estereotipá-las”. Grande filme. Imperdível!

A todas e todos uma boa semana, um ótimo feriado e uma excelente leitura!



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Os bons caminhos da maturidade

DEPOIMENTOS DE ALGUNS PARTICIPANTES DO PROGRAMA PRÓ-MAIOR

IHU On-Line conversou com alguns integrantes do Programa Maior Idade (Pró-Maior) da Unisinos, que falaram sobre a experiência de ser idoso, sobre os benefícios de ter mais de 60 anos e sobre o que os anos e a mais de vida os ensinaram.

“Fiz uma operação na mama. Sinto muitas dores. Já fiz diversas coisas para melhorar, então vim para o programa. Estou achando tudo muito bom. Temos que procurar ser felizes. Perdi meu marido há 17 anos e tive um baque muito grande, até hoje não estou muito bem, mas tenho netos que estou vendo crescer e estudar, e continuo lutando. Só de estarmos nesse mundo vivendo, vendo o dia amanhecer todo dia, os passarinhos cantando, é um grande benefício. Feliz daquele que pode viver. Temos que procurar atividades para melhorar o espírito.”

Celi Viazus, 74 anos

“A terceira idade traz mais experiência, ficamos mais calmos. Já temos os filhos criados, já se formaram, então partimos para outras atividades, em benefício de nós mesmos. Mas se pudesse voltaria a ser jovem, porém com a experiência de agora.”

Lídia Dalcim, 64 anos

“Na minha idade, vemos os problemas de outra maneira, com mais maturidade, pois já passamos por tudo. Não trocaria a experiência que tenho para voltar a

ser jovem. Pessoas que perseguem a juventude sofrem, pois não vivem na sua realidade.”

Noemia Andrade, 65 anos

“A terceira idade leva à maturidade, à experiência, e essa nos traz uma paz interna, nos dota de calma. A experiência nos leva a compreender que devemos ter paciência, e utilizar sempre o bom senso para resolver os problemas que surgem. Estou satisfeito em ser o que sou. Se fosse possível voltar a ter 18 anos e viver novamente esta vida, acho que faria as mesmas coisas que já fiz; passaria também pelas mesmas decepções, pois todos vivem decepções. Tive traumas violentos, perdi filhos, mas enfrentaria tudo de novo como fiz. Devemos ter peito aberto e cabeça aberta, a velhice me trouxe isso.”

Renato Silveira, 67 anos

“Para mim a terceira idade é ótima. Vamos ficando velhos e vemos os jovens crescendo, ficamos parados no tempo. Se não corrermos atrás das nossas oportunidades, ficamos em uma situação ruim. Trocaria a minha experiência de vida para voltar a ser jovem, mas não tento parecer mais jovem. Eu tenho um espírito jovem.”

Cleusa Martins, 63 anos

Uma discriminação internalizada

ENTREVISTA COM MARIA CRISTINA CAMINHA DE CASTILHOS FRANÇA

Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a monografia Olhares sobre o viver, o morrer e o permanecer a partir de um exercício etnográfico junto a idosas na cidade de Porto Alegre, Maria Cristina França é mestre pela mesma instituição, na qual também é doutoranda em Antropologia Social. Sua dissertação intitulou-se A cidade narrada na memória dos velhos habitantes de Teotônia (RS): estudo etnográfico de memória intrageracional e compartilhada sobre as experiências transmitidas na relação entre avós e netos. É professora no Centro Universitário La Salle (Unilasalle), de Canoas, e autora de inúmeros artigos publicados em periódicos, trabalhos e resumos incluídos em anais de congressos. Por e-mail, a pesquisadora falou à IHU On-Line sobre o envelhecimento, constatando na sociedade uma “discriminação internalizada, que freqüentemente leva os idosos a uma atitude de negação, procurando uma aparência mais jovem para serem aceitos e acolhidos, obscurecendo suas características e identidade”.

IHU On-Line - O que caracteriza o processo de envelhecimento humano? Quais as principais etapas e marcas dessa experiência?

Maria Cristina França - A Antropologia tem buscado analisar os processos em que as diferentes representações a respeito dos ciclos de vida - infância, adolescência e juventude - são construídas com base em valores referidos socioculturalmente. Atualmente, temos nos deparado com a expressão “terceira idade”, reconhecida como uma categoria de idade que, como as outras, foi construída histórica e socialmente, com a diferença que é uma categoria recente, que surge nas sociedades ocidentais contemporâneas e que, como uma criação arbitrária e constitutiva de realidades sociais específicas - não só com variações em sociedades diferentes, mas também no interior de uma mesma sociedade -, traz, na sua origem, a questão política e conseqüentes redefinições das posições de grupos sociais distintos nos espaços sociais que atuam. A categoria “terceira idade” encontra-se diretamente relacionada às

novas definições do envelhecimento e da velhice, que encontra na modernidade o espaço para opor-se ao antigo modelo que comprometia a autonomia dos idosos não só economicamente, como também cultural e psicologicamente, provocando uma população socialmente marginalizada.

IHU On-Line - O que representa a evolução farmacológica, que trata mais e mais doenças, prolongando a vida das pessoas?

Maria Cristina França - O momento histórico que marca a sociedade ocidental moderno-contemporânea se traduz no avanço da medicina moderna, dos novos conhecimentos científicos e tecnológicos. Assim sendo, deve-se acenar para os investimentos das indústrias de fármacos - que têm permitido uma qualificação do estado de saúde e processos de cura de doenças que afligiram nossa sociedade até recentemente, alongando biologicamente a qualidade de vida humana. Além do conhecimento médico-científico que oportuniza a

longevidade, a construção social da terceira idade se refere a um fenômeno que diz respeito ao desenvolvimento da política de globalização e valores a ele agregados, como resultantes da ideologia individualista predominantemente no século XX. Isso denota, portanto, um processo de construção social, de projeção de um cotidiano com qualificação das formas de sociabilidade, dando sentido ao tempo e aos espaços vividos por idosos ou velhos. Esses novos valores podem ser compreendidos pelo posicionamento significativo e produtivo do idoso como cidadão, como guardião da memória, como referência aos projetos familiares e ator social em um movimento de diálogo transgeracional.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre a utopia existente na sociedade de que os “jovens têm razão” em sua forma de viver?

Maria Cristina França - Eu não emito uma opinião, uma vez que compreendo não como uma utopia, pois se trata de representações simbólicas definidas no contexto das sociedades moderno-contemporâneas ocidentais. O fato da existência da valorização da juventude em detrimento às outras etapas do curso de vida diz respeito, em parte, ao modelo produtivo da nossa sociedade. Essa etapa está associada à procriação e à participação no mercado de trabalho, ao contrário da velhice que, no imaginário social, é pensada como uma carga econômica para a sociedade e como uma ameaça às mudanças.

IHU On-Line - O que significa o comportamento de idosos que não querem mais transmitir maturidade, experiência de vida, mas querem demonstrar juventude a cada dia? O que significa antropologicamente esse sentimento de “eterna juventude”?

Maria Cristina França - Reproduzo literalmente uma parte de um texto produzido livremente pela Profa. Dra.

Cornelia Eckert¹ por considerá-lo pertinente à questão proposta: “O sentimento de liberdade de expressão, de comunicação, de criação, de relação, de transmissão de experiências, de superação de medos intimistas e complexos afetivos é o grande ganho deste momento histórico de interlocução entre as gerações. Como todo contexto de liberdade, há erros, exageros, perdas e enganos. Mas são os atores sociais que constroem estas situações, os seus atos são inteligentes e inteligíveis. Não importa a idade ou ciclo de vida, acabamos por aprender que se nossos projetos não consistirem bases para uma coletividade, referências para uma geração futura, ou aprendizados com gerações passadas, a armadilha individualista é solitária e sombria e acaba por desencantar a própria rotina. Os idosos envolvidos em movimentos de terceira idade sabem que podem construir algo coletivamente, e é disto que precisamos mais do que nunca: ter projetos individuais, coletivos, de interface, de interlocução, sinceros, dialógicos e humanitários. Neste ínterim, os projetos de embate às desigualdades sociais e econômicas gritantes como no Brasil deve ser um dos motes encabeçados por este movimento de idosos, orientando para que, se é necessário e importante identificar um novo perfil da chamada terceira idade, que seja uma geração que busque ainda superar a indiferença para tanta injustiça social”.

Para complementar, cabe propor uma reflexão sobre quais são os aspectos estéticos em jogo na nossa sociedade atualmente: o corpo dos velhos é o corpo “diferente”, comparado - em agressiva desvantagem - com o modelo de corpo e beleza jovens valorizados extensamente. E, sob essa ótica que propõe o sentido de exigência, surgem profissionais especializados em uma alimentação saudável e rejuvenescedora, em exercícios

¹ Cornelia Eckert: historiadora brasileira, autora de, entre outros, *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

físicos eficazes para retomar movimentos e agilidade, danças de salão, moda mais jovem etc. Esses aspectos contribuem para a dificuldade de construção e fixação de uma identidade de idoso, indesejada pela rejeição socialmente estabelecida tanto no campo ético quanto no estético. É, portanto, essa discriminação internalizada que freqüentemente leva os idosos a uma atitude de negação, procurando uma aparência mais jovem para serem aceitos e acolhidos, obscurecendo suas características e identidade.

***IHU On-Line* - Quais os impactos sociais de uma população cada vez mais velha e com essas características?**

Maria Cristina França - As últimas décadas têm mostrado novas conformações associadas ao tema envelhecimento. Percebe-se claramente a alteração gradativa dos estigmas atribuídos aos idosos que, anteriormente, limitavam esse período da vida à decadência, à incapacidade para o trabalho, à dependência, ao desrespeito. Esse movimento de alternância iniciado na Europa reflete-se no Brasil com a criação de grupos representantes cujas conquistas sociais revelam no cotidiano a adoção de imagens positivas associadas ao idoso. No entanto, as ações políticas mais efetivas ainda marcam a vulnerabilidade a que os idosos estão submetidos. As causas da mudança de comportamento da sociedade com relação ao envelhecimento e à velhice são variadas e apontadas por muitos autores com diferentes graus de relevância. Observa-se a questão demográfica, em que é notória a presença de uma parcela idosa cada vez mais significativa numericamente, a aposentadoria precoce em decorrência de avanços do campo científico da saúde, a velhice como fonte de arrecadação da indústria do consumo, a conquista de novos papéis sociais que compõem a demanda do mundo contemporâneo, entre outros. O importante ao pensar essa questão é que ela deve ser compreendida em seu conjunto e que

contemplá-la, buscando categorizá-la em graus de importância, torna a tarefa infrutífera.

***IHU On-Line* - Antropologicamente, como o conceito de velhice vem mudando nos últimos séculos?**

Maria Cristina França - Havia até a década de 1960, aproximadamente, uma “conspiração do silêncio” ou invisibilidade que caracterizava o tema “velhice”. Essa situação é gradativamente rompida a partir de publicações internacionais traduzidas e editadas no Brasil, que trouxeram novas perspectivas e motivaram a observação do crescimento do número de idosos como resultado dos avanços de tecnologias ligadas à área da saúde e afins, bem como trabalhadores que passa à aposentadoria mantendo todos os benefícios que detinham na atividade produtiva. É nos anos 1980, porém, que o envelhecimento passa a ser um tema privilegiado pela Antropologia diante dos inúmeros desafios enfrentados pela sociedade brasileira contemporânea. Os desafios citados partem de uma parcela da população mais representativa e que apresenta sinais importantes de mudança nas formas de pensar e gerir a experiência cotidiana, ou seja, nas novas propostas de a sociedade projetar a sua própria reprodução. Com a socialização progressiva da velhice - antes considerada como própria da esfera privada familiar ou de associações privadas ou filantrópicas - passa a ser encarada não mais através de imagens negativas caracterizadas pela decadência física e ausência de papéis sociais. Ao contrário, a visão da velhice passa a exigir a revisão de estereótipos, a substituição de um processo de perdas pela idéia de que a madureza traz momentos propícios para novas conquistas, guiados pela busca de prazer e satisfação social. Observa-se, portanto, a designação *idoso* para aquelas pessoas mais velhas e *terceira idade* para os “jovens velhos”, com direito a um novo mercado voltado para essa categoria: o turismo, produtos de beleza e

alimentares, profissionais especializados etc.

IHU On-Line - Como a senhora percebe o papel da mídia na criação de um mito da eterna juventude, mostrando atrizes de mais de 60 anos com o corpo esculpido?

Maria Cristina França - No âmbito das ciências sociais, os meios de comunicação de massa nas sociedades ocidentais contemporâneas têm um papel destacado na indústria de produtos culturais, visando principalmente ao consumo. Nessa direção, as mercadorias dispostas à venda são imagens do mundo, organizadas por esses meios para atender a um público-massa, homogeneizando-o. O princípio da lucratividade dispõe essas “mercadorias” de forma idealizada, promovendo um espaço mínimo para estabelecer um conjunto criterioso sobre as inúmeras ofertas e apelos de consumo. Por sua vez, as distâncias físicas e sociais são diminuídas pelo acesso amplo da informação, sendo capazes de contribuir para a ampliação dos horizontes de

conhecimento, quando há a preocupação em veicular determinados tipos de ação cultural que mantenham em seu interior valores culturais que estimulem a reflexão crítica dos inúmeros grupos sociais. Com relação à criação de um “mito da eterna juventude”, podemos pensá-lo ora como uma ideologização que tende a eliminar a humanização do envelhecimento e da morte, ora como um desfacelamento dos limites do ciclo e do curso da vida em virtude do aumento da esperança de vida no âmbito mundial. Com base nisso, o que não podemos perder de vista é que o envelhecimento não é um processo homogêneo, em que cada indivíduo vivenciará essa etapa da vida, levando em conta a sua história pessoal e todos os aspectos estruturais - classe, etnia, gênero - a eles relacionados, como saúde, estilo de vida, trajetória familiar, educação. O importante é que se possa reconhecer a capacidade dos idosos de estabelecer os contornos de seus próprios interesses em um mundo repleto de outros muito interesses.

A velhice é o resultado das condições de vida apreendidas

ENTREVISTA COM AGOSTINHO BOTH

*Graduado em Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Agostinho Both foi entrevistado por e-mail pela IHU On-Line para a matéria de capa da presente edição. Both é especialista em Gerontologia Social pela UPF e mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ). Doutorou-se em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a tese *Identidade existencial na terceira idade: mediações do estado e da universidade*.*

*Publicou inúmeros livros, dentre os quais destacamos *Práticas sociais na terceira idade. Passo Fundo: EDIUPF, 1992; Conversas sobre a terceira idade ou fragmentos de gerontologia. Passo Fundo: EDIUPF, 1992; Gerontologia: Educação e longevidade. Passo Fundo: Imperial, 1999; Identidade existencial na velhice: Mediações do Estado e da Universidade. Passo Fundo: EDIUPF, 2000; Os Mais Velhos em Novos Tempos. Passo Fundo: Berthier, 2004.**

IHU On-Line - O que é identidade existencial na terceira idade?

Agostinho Both - A identidade existencial na terceira idade pode ser entendida como o conjunto dinâmico dos sistemas biopsicosociais que caracterizam o idoso num determinado tempo de vida de sua velhice. A identidade, portanto, compreende fatores dados pelos recursos internalizados durante a vida pregressa e pelas oportunidades atuais, o que lhe concede maior ou menor capacidade de resiliência em lidar com o cotidiano, seus potenciais e limites. O processo educacional desenvolvido e suas disposições, o envolvimento do idoso em sua educação permanente e as condições e outorgas sociais realizam a mediação do desenvolvimento. Pode-se avaliar a qualidade da identidade existencial como conjugação da satisfação em viver seu tempo de vida e as expectativas em torno de objetos a serem ainda vivenciados. Assim sendo, os projetos de vida também se inserem na possibilidade da identidade bem realizada a

qual pode ser mais precisamente definida pelo grau de intimidade que o idoso possui com a vida, pelo grau de sabedoria em lidar com o seu meio e a densidade do sentido que ela possui. Não existem, portanto, critérios rígidos na definição da identidade e sua flexibilidade que dependem do capital de saúde biopsicosocial investido e em investimento.

IHU On-Line - Como essa identidade se constitui e quais são os fatores que podem dificultar sua concretização?

Agostinho Both - Ela se constitui num processo dinâmico durante toda a vida. Sendo assim, a identidade, bem como a própria velhice, não é uma fatalidade, mas um resultado das condições de vida apreendidas, em aprendizagem e em expectativa de apreender. A identidade se constitui num diálogo permanente entre as funções biopsicosociais, isto é, a identidade apresenta-se em constante reciprocidade de intervenções, podendo

haver compensações. Assim, as limitações físicas podem ser compensadas pelo desempenho psicológico e deste pelo social e o social pelo físico. As dificuldades, na concretização de uma identidade que caracterize o idoso como um cidadão em desenvolvimento harmonioso e contente, se apresentam de muitas maneiras. O passado pode trazer limitações severas. O estilo de vida em torno do corpo, o baixo nível de desenvolvimento psicológico, tanto em sentido cognitivo como afetivo, as privações sociais, atuais ou passadas, podem modular uma imagem humana de difícil organização. A identidade, ou seja, o que define o sujeito idoso e a experiência de si mesmo, pode não ter sido bem posta, prejudicando tanto a percepção pessoal como a convivência com os outros. Isso significa que os padrões de conduta condicionam a saúde física e mental, interferindo no modo de constituir a identidade.

***IHU On-Line* - O que seriam as mediações do Estado e da universidade com relação à identidade existencial na terceira idade?**

Agostinho Both - Esta questão mereceria um longo debate, mas resumidamente, podemos dizer que as mediações do Estado dizem respeito àquelas que dão conta de o idoso poder realizar sua presença humana e social de forma a se ver cercado de possibilidades advindas da ética social gerada pelas políticas públicas. Isso significa que de pouco adiante o idoso quer ter a si mesmo como um sujeito em processo de construção de sua identidade se não houver condições sociais de exercitar seus desejos de realização. À universidade cabe oferecer conhecimentos e esclarecimentos sobre o processo de envelhecimento para que tanto o idoso como a sociedade e o Estado sejam esclarecidos sobre o perfil humano dos mais velhos. A universidade tem a responsabilidade de ampliar a visão humana sobre a velhice, concedendo-lhe contínuas e melhores percepções sobre o ser que envelhece e assim possibilitar

que o idoso possa cumprir sua identidade dentro de uma existência mais renovada e interessante. O diálogo permanente da universidade com o fenômeno do envelhecimento e a leitura honesta desta realidade facilitam o modo de envelhecer, favorecendo as condições para um envelhecimento bem-sucedido.

***IHU On-Line* - Quais são os maiores progressos conquistados pela gerontologia nos últimos anos? E quais são seus maiores desafios?**

Agostinho Both - Parece-me que os maiores avanços dizem respeito a uma visibilidade dos idosos e sua importância política e social. Mesmo nas universidades a questão do envelhecimento está sendo vista com olhares de atenção. Isso significa que a gerontologia está cumprindo um papel de anunciadora e denunciadora de um fenômeno complexo e modificador desde os processos educacionais, os processos políticos em todas as instâncias de governo até os espaços da intimidade de nossas casas. Aí residem ainda seus desafios, pois intervir nas instituições e aí construir mudanças exigidas pela dignidade humana na velhice é uma tarefa que exige resistência e mesmo luta, pois os espaços e as oportunidades culturais e sociais já estão destinados a outras categorias sociais. A brevidade da vida tem condicionado historicamente as formas sociais de apoiar seus cidadãos, prevalecendo os mais jovens sobre os mais velhos.

***IHU On-Line* - Como a sociedade ocidental encara a terceira idade? Quais são as maiores diferenças com relação à abordagem oriental?**

Agostinho Both - Não se faz um bom discurso com generalizações. Parece haver uma preocupação ocidental, tanto em resolver as questões econômicas, educacionais e sociais como em aprofundar conhecimento em torno da velhice, mas estas preocupações e a agilidade em resolvê-las são

diferentes. Os países e suas condições econômicas, sociais e culturais apresentam-se de formas diferentes e, portanto, também oferecem de acordo com seu perfil condições melhores ou privações maiores no desenvolvimento humano. Por exemplo, é bem diferente o poder econômico de um velho aposentado na Alemanha e no Brasil, incidindo este poder sobre os cuidados na velhice independente ou dependente. Por sua vez a pressão política em torno dos idosos é diferente, ensejando-se melhor sorte para os países mais sensíveis e para seus idosos mais atentos aos seus direitos humanos.

IHU On-Line - Que relações são possíveis estabelecer entre gerontologia, educação e longevidade?

Agostinho Both - A gerontologia, entre outras preocupações, estuda a longevidade, isto é, os aspectos do processo do envelhecimento que lidam com a expectativa de vida. Em primeiro lugar, podemos pensar sobre o tempo máximo de vida até hoje vivido, o qual gira em torno dos 120 anos. Poucos são aqueles que apontam para este tempo de vida, embora os centenários já sejam objeto de estudos. O que se sabe é que a expectativa de vida vem aumentando, mas sem uma revolução radical, no plano genético não vamos alterar os anos da longevidade máxima. Outra questão na questão da longevidade reside na qualificação da velhice tardia, isto é, importa qualificar e não apenas quantificar. A questão educacional é fundamental ao se tratar da longevidade, tanto em termos quantitativos como qualitativos. A extensão da vida depende dos hábitos os quais são constituídos pela educação e dos quais resulta um estilo de vida mais ou menos qualificado e disso decorrem as probabilidades de estender a vida e uma via ativa. Por outro lado, as intervenções educacionais, para que o tempo de vida tenha densidade, não podem se afastar de aprendizados para ocupação do tempo livre. Dessa maneira a educação, para que seja adequada ao ser humano que envelhece,

não pode esgotar seus esforços apenas em um processo educacional voltado para uma racionalidade instrumental preocupada somente em inserir os alunos apenas no mundo do sistema econômico e político. Aprendizados sobre as artes, serviços e uma multiplicidade de outros interesses podem contribuir para que se amplie a resiliência e, por conseqüência, a longevidade qualificada dos idosos.

IHU On-Line - Como a educação formal e informal vem se caracterizando diante do envelhecimento populacional?

Agostinho Both - A educação formal ainda está muito atenta aos ditames do pensamento reducionista que se afirma sobre os paradigmas do sucesso financeiro, produtivo e consumista. A vida propriamente não faz parte importante do currículo escolar. As demandas éticas dos conteúdos escolares, da sala de aula, da família e da comunidade são objetos pouco preocupantes. Se é verdade que os hábitos resultam de atividades sistemáticas, quais são ou deveriam ser os hábitos a serem desenvolvidos? Quais são as tarefas propostas para a qualidade de vida? De que forma os alunos são sistematicamente convidados a exercícios para a qualidade de vida pessoal e solidária? Quais os cuidados aprendidos na vigilância sobre a saúde e as necessidades comunitárias? Qual a aproximação entre escola e família? A educação mereceria uma revolução, pois o sentido dela ainda está voltado para a brevidade da vida e em desenvolver os aspectos intelectuais, ficando em segundo plano, ou sem plano, o desenvolvimento ético.

A educação informal parece ser ainda o recurso mais usual. Quando os problemas surgem, os idosos vão buscar encontrar novas respostas, mas de uma forma muito particular e errática. Existem ofertas não-formais de educação em muitos municípios, e as universidades oferecem oportunidades, mesmo que precárias,

facilitando a educação informal dos idosos. Por sua vez, ainda não foram esgotados todos os recursos, e a educação permanente deve ser encontrada e até solicitada com apelos fortes por parte dos idosos. Os espaços educacionais para efetivar a educação permanente ainda são pobres e mesmo os idosos geram pouca expectativa em torno de si mesmos no sentido de um desenvolvimento mais vigoroso. Existe ainda um aprendizado histórico de poucas exigências educacionais. O processo do desenvolvimento da identidade na terceira idade e na velhice compreende um número elevado de intercessores e, dependendo deles, ficam estabelecidos diferentes potenciais e limites.

Finalizando, as questões podem ser respondidas da seguinte maneira: os conceitos sobre a potencialidade humana em cada etapa da vida, as respectivas outorgas e medições legais e morais podem suscitar diferentes construções do envelhecimento e da velhice. Os valores pessoais e históricos e a flexibilidade em arranjar-los no advento das perdas são variáveis decisivas para a identidade existencial na terceira idade. As intervenções sociais e pessoais podem ser decisivas na evolução positiva do envelhecimento e, sem dúvida, as

fragilidades e os acidentes podem precipitar situações constrangedoras para o desenvolvimento.

O grau de opções intelectuais, afetivas, artísticas e de serviços para enfrentar as transformações, pode potencializar favoravelmente o desenvolvimento. Não menos significativas são as condições de acessar aos bens culturais, seja pelo poder econômico, seja pelas disposições políticas. Os esforços, portanto, perpassam a educação de toda a comunidade que pretende renovar seu estoque de interpretação ética e cultural ante o envelhecimento e a velhice.

O processo da longevidade implica, portanto, variáveis biológicas, psicológicas e sociais, e as suas funções interagem solidariamente. A complexidade dos fatores e suas reclamações parece exigir uma revisão de todas as instituições, além do que, possivelmente, outras devam ser delineadas para abrigar a exigência da dignidade e da liberdade dos mais velhos. Os hábitos anteriores, segundo a autora, probabilizam o grau de liberdade no desenvolvimento. Por tudo isso, fica claro que a intimidade humana e a sabedoria podem produzir uma conquista para o envelhecimento e exigir novas leis e contratos sociais.

“Existem muitas velhices”

ENTREVISTA COM JOHANNES DOLL

Para o teólogo Johannes Doll, coordenador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento da UFRGS, “existe uma série de conseqüências sociais no fato de termos cada vez mais pessoas muito idosas”. A declaração foi dada em entrevista por e-mail à IHU On-Line, com exclusividade. Graduado em Teologia Católica pela Universidade de Tübingen, Alemanha, e em Educação pela Erziehungswissenschaftliche Hochschule Landau, Alemanha, Doll é especialista em Ensino de Alemão pela Unisinos e em Gerontologia pela Universidade de Heidelberg. cursou mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutorado na mesma área pela Universidade Koblenz Landau, Alemanha, com a tese Fachunterricht an deutsch-brasilianischen Begegnungsschulen. Eine Untersuchung zur Sprachkompetenz von Schülern in zweisprachigen Klassen.

É um dos organizadores das obras Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores. Brasília: Pronera, 2006 e Tratado de Geriatria e Gerontologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. Atualmente, coordena dois projetos de pesquisa, intitulados Envelhecimento, trabalho e educação: aquisição de conhecimentos de informática e seus reflexos na vida profissional e privada de trabalhadores mais velhos e Juventude, Educação e Justiça Juvenil: Reabilitação e prevenção no Brasil e nos Estados Unidos.

IHU On-Line - Quais os números da população idosa no Brasil e quais os fatores que mais contribuem para o aumento da expectativa de vida da população?

Johannes Doll - Estima-se que temos atualmente 17,6 milhões de pessoas idosas no Brasil. São basicamente três fatores que influenciaram o aumento do número de pessoas idosas em relação ao resto da população. Em primeiro lugar, está a diminuição da mortalidade infantil, que caiu, desde 1960, de 121,08 em mil nascidos vivos para 30,10 em mil nascidos vivos, o que significa que mais crianças sobrevivem ao primeiro ano de vida, um fato que se reflete principalmente na expectativa de

vida, que aumentou de 1960, quando era em 51,64 anos, para 70,43 anos em 2000. O segundo fator é a forte diminuição da fertilidade, que era de 6,21 crianças por mulher (1960) e caiu para 2,39 crianças por mulher. Isso significa que temos muito menos crianças em relação à população total, o que aumenta, proporcionalmente, o número de pessoas adultas e idosas. E o terceiro fator é uma melhora no serviço de saúde e no combate a doenças, o que faz termos hoje muito mais pessoas que vivem até 80, 90 ou até 100 anos do que antigamente.

IHU On-Line - Qual a influência do processo de urbanização nisso?

Johannes Doll - A urbanização teve, com certeza, um efeito forte, principalmente com relação à diminuição da taxa de natalidade, pois as crianças, que no campo representam uma ajuda para a família, se tornam um peso financeiro na cidade. Mas também o acesso a serviços de saúde na cidade é geralmente mais fácil e existe uma infra-estrutura melhor.

IHU On-Line - Hoje, o grupo das pessoas mais velhas é o que mais cresce na nossa população. Quais as conseqüências sociais disso?

Johannes Doll - Existe uma série de conseqüências sociais no fato de termos cada vez mais pessoas muito idosas. Como nesta faixa etária, a incidência de doenças e de dependência aumenta, temos que pensar em estruturas adequadas para atender este grupo cada vez maior, especialmente, porque até agora, foram principalmente as famílias, ou melhor, as mulheres que assumiram esta tarefa. Com as mudanças nas estruturas familiares e com a maior participação das mulheres no mercado de trabalho, mas também com o menor número de filhos e filhas nas famílias, temos que pensar em outras estruturas de serviços e de saúde para atender este grupo nas suas necessidades. Isso também exige uma mudança na formação e atualização dos profissionais que vão tratar com pessoas idosas. Agora a vida humana não se restringe somente aos cuidados básicos. Nós temos que dar um sentido à nossa vida. Qual será o sentido de vida das pessoas com 80 ou 90 anos? Quais são os modelos de identificação que a sociedade consegue oferecer? Lazer? Consumo? Ou tem mais?

IHU On-Line - Quais os principais desafios para quem é idoso hoje? Como o senhor acha que os idosos encaram essa etapa da vida atualmente? Ser “maduro” é visto como algo positivo?

Johannes Doll - Isso é difícil de responder, pois o grupo das pessoas idosas é muito heterogêneo. Dessa forma, os desafios podem ser bem diferentes para elas. Por exemplo, para muitos idosos da classe popular, ter acesso a serviços de saúde e ter condições básicas de viver já representa o desafio principal. Para outros, a saída do mundo de trabalho e lidar com uma fase considerada não-produtiva pela sociedade representa um grande desafio, principalmente para os homens. Para este grupo, manter ou desenvolver contatos sociais e estruturar seu tempo com atividades que dêem satisfação é uma tarefa importante. Pensar em um projeto para sua vida, que vai além do trabalho, pode ser um caminho interessante. Para os idosos de hoje, estas tarefas de pensar além da vida adulta é ainda uma tarefa nova, pois para muitos, a luta pela sobrevivência não deu muito tempo para pensar sobre esses assuntos. E mudar sua vida, de forma radical, inventar algo totalmente novo é um fato raro. Agora ser “maduro” tem conotações diversas. Fizemos uma pesquisa sobre o trabalhador mais velho na indústria e notamos esta ambivalência. Por um lado, destacam-se aspectos positivos como experiência, confiabilidade, estabilidade, por outro lado, critica-se a falta de flexibilidade e a falta de atualização profissional.

IHU On-Line - Que valores são imperantes hoje na sociedade em relação à terceira idade?

Johannes Doll - Eu vejo uma gradual aceitação da terceira idade na nossa sociedade hoje. Durante muito tempo, nem se tomou conhecimento da existência de pessoas idosas e, muitas vezes, carregava-se uma imagem bastante negativa. Mas a luta por uma imagem mais positiva, que destaca as competências das pessoas idosas e as possibilidades de participar ativamente na sociedade estão ganhando mais espaço. Mesmo assim, encontramos tanto valores positivos em relação à terceira idade quanto rejeição. No momento em que o

grupo dos idosos cresce mais, surgem discussões sobre a distribuição dos bens na sociedade, o que pode gerar conflitos, como as discussões sobre a aposentadoria.

***IHU On-Line* - Qual seria a melhor forma de viver em uma sociedade envelhecida?**

Johannes Doll - Há três caminhos:

- de forma ativa e positiva, aberta;
- em contato com as diferentes gerações;
- encontrar algo que dê satisfação (trabalho voluntário, cultural etc.)

***IHU On-Line* - Quais os mitos e verdades sobre o bem-estar na velhice?**

Johannes Doll - Confesso, não gosto muito da história dos mitos e verdades. Um mito era visto, antigamente, como uma verdade muito importante, algo que explicava a origem e o destino dos homens. Por que colocar mito agora no sentido de "não-verdade"? O problema é que a velhice representa uma fase de vida que pode ser muito longa - dos 60 anos até 100 anos ou mais. Então, todas as "verdades" sobre a velhice também podem ser "não-verdades" e vice-versa. Talvez a maior "não-verdade"

seja exatamente a existência de uma velhice com características bem definidas. Na verdade, existem muitas velhices.

***IHU On-Line* - Quais os avanços e desafios da gerontologia hoje?**

Johannes Doll - Acredito que a gerontologia no Brasil avançou bastante em rever a imagem negativa da velhice e vincular aspectos positivos à terceira idade, como encontros, atividades, diversão. Com relação aos estudos sobre a velhice, temos hoje já um número considerável deles, mas faltam ainda estudos nacionais e longitudinais que exigem uma boa infra-estrutura. No campo científico, a Gerontologia como ciência ainda não recebeu o devido reconhecimento, por exemplo, pelo CNPq. Isso significa que o conhecimento científico produzido é divulgado nas revistas e livros específicos das diferentes ciências e áreas, o que dificulta um diálogo interdisciplinar. Sobre os estudos, acredito que a velhice avançada e suas necessidades será um desafio para o futuro. Outros aspectos importantes a serem pensados são a questão dos idosos sem famílias e as relações intergeracionais.

“Envelhecer não é um castigo, é uma conquista”

ENTREVISTA COM EMÍLIO MORIGUCHI

Para o médico Emílio Moriguchi, uma das grandes autoridades brasileiras em gerontologia, “hoje, a sociedade, como um todo, está muito mais voltada para a importância do envelhecimento e dando valor social ao fato do envelhecer”.

Moriguchi, que concedeu entrevista à IHU On-Line por telefone, nas brechas de uma agenda atribulada, é graduado em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com aperfeiçoamento em Metodologia de Pesquisa e Doenças Crônicas pela World Health Organization (WHO), na Suíça. Cursos especializações na UFRGS e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realizou seu doutorado em Medicina pela Tokai University School of Medicine (TOKAI), no Japão, concluindo-o com a tese Age-related modifications in high density lipoprotein particle size and chemical composition. Moriguchi é pós-doutor pelo Browman Gray School of Medicine of Wake Forest University (WISTOM), nos EUA.

No momento, Moriguchi coordena o Centro de Geriatria e Gerontologia do Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Escreveu mais de cem artigos técnicos, duas dezenas de capítulos de livros, além da obra Biologia Geriátrica Ilustrada. São Paulo: BYK, 1988. É um dos organizadores do livro Projeto Veranópolis: Reflexões sobre envelhecimento bem-sucedido. Porto Alegre: Exclamação Produção Gráfica e Fotolito, 2002.

IHU On-Line - O que significa envelhecer do ponto de vista biológico? O que caracteriza o processo de envelhecimento?

Emílio Moriguchi - O processo de envelhecimento é a passagem do tempo sobre o nosso ser, desde que somos concebidos até a hora de morrer. Quando falo que o envelhecimento começa na concepção significa que não é só depois dos 40 anos, como muita gente pensa. O envelhecimento, como é passagem do tempo, inclui tudo crescimento, maturação e envelhecimento propriamente dito. Nosso relógio biológico é ativado no momento em que somos concebidos. O grande exemplo disso é a arteriosclerose, o entupimento das artérias pelo

colesterol, que todo o mundo acha que é doença de velho. Isso já começa na vida intra-útero. O colesterol começa a acumular nas paredes das artérias, juntamente com a formação dessas paredes dentro do útero da mãe, e essa deposição tem relação direta com os hábitos de vida da mãe.

IHU On-Line - O que caracteriza o envelhecimento propriamente dito?

Emílio Moriguchi - O envelhecimento propriamente dito é o que acontece após o crescimento e a maturação da pessoa. A estatura começa a “diminuir” depois dos 30 anos. Depois que crescemos e atingimos a maturidade

biológica, começamos o processo do envelhecimento propriamente dito. Eu não gosto muito do termo “terceira idade”, mas todo o mundo usa, e ele designa o que acontece depois da maturação. Depois dos 30 anos, fisiologicamente, as funções biológicas vão diminuindo. Por exemplo, aos 80 anos eu não tenho mais a mesma capacidade de correr que tinha aos 20. Isso não é doença, é normal. A capacidade do fígado, dos rins, de depurar as substâncias, aos 80 anos é bem menor do que aos 20 ou 30. O envelhecimento traz, com o tempo, um declínio gradual de várias funções biológicas, do ponto de vista funcional, pois nem sempre o tamanho diminui, já que é compatível com a atividade que vamos exercendo ao longo da vida.

IHU On-Line - O que é preciso para saber viver e envelhecer com saúde? O que é ideal para uma velhice saudável?

Emílio Moriguchi - O mais importante para um envelhecimento saudável são os hábitos saudáveis de vida, independente dos genes com os quais nós nascemos. Se temos hábitos saudáveis de vida, conseguimos envelhecer bem e com saúde, ou seja, precisamos de alimentação saudável, atividade física adequada e suficiente, repouso e lazer suficiente, interação social e familiar saudável, e também o lado espiritual, pois nós somos muito mais do que somente corpo e sentimento. O lado espiritual também é importante. Poder dar plenitude a toda potencialidade do pensamento, do interior, também é importante. Tudo isso junto, bem-vivido, faz com que nosso envelhecimento seja saudável.

IHU On-Line - Qual a importância da espiritualidade e da fé para essa parcela da população? Isso se relaciona à qualidade de vida dos idosos?

Emílio Moriguchi - O ser humano nunca fica satisfeito somente com as metas biológicas. É isso que nos

distingue de outros animais. Nós sempre almejamos metas e objetivos que estão além da nossa necessidade biológica. Dentro disso, nosso ser não é só biológico. Qualquer religiosidade, que é algo que todo mundo tem, tende a buscar o transcendente. Sem isso, as pessoas não se realizaram, não se sentem felizes. Qualidade de vida, em uma dimensão mais ampla, não é só do ponto de vista técnico, que temos como mensurar, medir. Mas é muito mais do que isso: é o fato de a pessoa sentir-se feliz, vivendo o processo de envelhecimento. A pessoa chega aos 80, 90 anos e está satisfeita com a vida, podendo dizer “como foi bom ter vivido”.

IHU On-Line - O que tem provocado o aumento da expectativa de vida da população? Qual a contribuição da ciência e da tecnologia para isso?

Emílio Moriguchi - Isso é algo inexorável no mundo inteiro. A expectativa média de vida, que é o tempo que as pessoas vivem após o nascimento, está aumentando, levando ao envelhecimento populacional. Isso certamente tem a contribuição da melhora da saúde pública, das condições de higiene, dos avanços da tecnologia médica e, principalmente, do fato das pessoas se darem conta de que viver bastante é bem importante. Essa consciência individual, que se torna social, coletiva, faz as pessoas conseguirem realmente buscar mais tempo de vida. Geralmente as pessoas que não têm esperança de viver, morrem antes. O que realmente contribui é a consciência geral de que se nos cuidarmos, vivemos mais e bem. E ninguém quer sofrer. O homem não foi feito para sofrer.

IHU On-Line - Qual a diferença entre média de vida e média de vida saudável?

Emílio Moriguchi - A média de vida é quanto, numericamente, as pessoas vivem em anos. E vida saudável é aquela sem dependência. Eu posso ter um derrame aos 60 anos e ficar acamado, infelizmente, até

os 80. Como média de vida conta até os 80, mas como expectativa de vida saudável conta os 60. O importante para todos nós é quanto de expectativa de vida ativa e saudável podemos ter, porque isso está diretamente ligado à qualidade de vida e à felicidade. Eu sempre digo que o envelhecimento deve ser uma conquista, uma coisa boa para as pessoas, e não um castigo. Infelizmente, quem não se cuida, não tem os hábitos saudáveis de vida, acaba ficando doente e aí o fato de envelhecer doente se torna um castigo para as pessoas e para a família. O que nós queremos é que as pessoas vivam com hábitos saudáveis de vida, com saúde, para que o envelhecimento seja uma conquista, para que as pessoas possam envelhecer com felicidade, com qualidade de vida.

IHU On-Line - O senhor acha que vivemos em uma sociedade que valoriza o envelhecimento, a maturidade?

Emílio Moriguchi - Isso depende da cultura e do momento. Hoje, toda a sociedade está muito mais voltada para a importância do envelhecimento e dando valor social ao fato do envelhecer. E isso é importante, só que precisa ser bem conduzido, para que não se torne um comércio. Tem que ser algo consciente. O lado cultural é extremamente importante, porque a sociedade oriental (japonesa, chinesa) sempre valorizou muito a questão do envelhecimento. É muito mais fácil essa sociedade aceitar esse tipo de postura do que a sociedade onde o capitalismo é muito mais poderoso, em que o que conta é a produção. A tendência mundial, como todo mundo está envelhecendo, certamente é valorizar a questão do envelhecimento.

IHU On-Line - E o que significa as pessoas idosas se vestindo como jovens, esculpindo o corpo e o rosto para não aparentar a idade que têm?

Emílio Moriguchi - Isso é reflexo da antiga cultura da sociedade de consumo, capitalista, onde quem conta é quem produz, que é o jovem. Mas eu acredito que a tendência disso é mudar. Hoje em dia, as pessoas não são mais tão simplórias a ponto de aceitar que mudar o exterior, muda o interior. Se bem que em algumas situações possa ser verdade, quanto à auto-estima. A sociedade começa a conscientizar-se que o envelhecer não é um castigo, uma coisa feia, é algo natural e o importante é envelhecer bem, com saúde e com a manutenção de atividades no dia-a-dia. Tanto que o termo que se usava há 10 anos do anti-envelhecimento, hoje em dia é pouco citado, porque as pessoas se deram conta de que o caminho não é por aí. Não podemos combater o envelhecimento, porque todo o mundo envelhece. Isso é inevitável. O que se fala hoje é em envelhecimento saudável.

IHU On-Line - O tempo, a idade, a maturidade, podem ser aliados?

Emílio Moriguchi - Claro! Isso tem coisas boas. Eu estou cultivando meus cabelos brancos com muita honra. Meu pai, que é um grande geriatra, sempre me dizia que tem duas coisas que não caem do céu: dinheiro e saúde. E é verdade. São duas coisas que nós temos que buscar. E o segredo da saúde é hábitos saudáveis de vida.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre os asilos?

Emílio Moriguchi - Depende da proposta. Como tudo na vida, a alma é importante. Se a proposta é ajudar aquelas pessoas dependentes, que não têm estrutura familiar para manter a qualidade de vida, é uma proposta válida, desde que não seja exploração das pessoas. Se a proposta é simplesmente uma instituição para dar lucro, cuidando de idoso, daí precisam ser revistos os objetivos.

O despreparo da sociedade em enfrentar o envelhecimento

ENTREVISTA COM SONIA BREDEMEIER

“Apesar de encontrarmos manifestações de despreço, nas mais variadas formas, acredito que a tendência da sociedade é a de querer bem, de cuidar dos que estão envelhecendo, dos pais que criaram seus filhos, dos avós que cuidaram dos netos, das pessoas que se constituíram em modelos para todos nós”, é o que pensa a assistente social Sonia Bredemeier, professora do PPG em Ciências Sociais da Unisinos. A entrevista, concedida por e-mail pela pesquisadora, você confere na íntegra, a seguir.

Graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é especialista em Supervisão em Serviço Social e em Gerontologia Social pela mesma instituição. cursou mestrado e doutorado em Serviço Social pela PUCRS. Sua tese intitula-se O conselho do idoso como espaço público. É autora de inúmeros artigos e trabalhos técnicos voltados à sua área de pesquisa. No momento, conduz um projeto de pesquisa intitulado Conselho municipal de Idosos: um espaço de protagonismo. Sonia Bredemeier já concedeu entrevista à IHU On-Line sobre o mesmo tema, na edição número 50, de 1º de março de 2003.

IHU On-Line - Quais os benefícios trazidos pela maturidade?

Sonia Bredemeier - Pela pergunta, está se partindo do pressuposto que maturidade necessariamente tem a ver com benefícios, porém esta é uma questão bastante subjetiva. Para mim, ser uma mulher madura está sendo mais tranquilo do que foi o período que antecedeu a velhice. A experiência acumulada, o preparo para o envelhecimento que fez parte da minha vida profissional, de certa forma, me privilegiou. Até agora, acredito que estou sabendo “administrar” as limitações e potencializar as vantagens do envelhecer. A forma como se encaram os fatos, sem tanto “stress”, sem achar que o mundo vai acabar amanhã, permite que se possam analisar as situações, os problemas, sob vários ângulos e constatar que existem alternativas das quais podemos lançar mão quando há problemas. De outra forma, com o

jubilamento, ter a oportunidade de cuidar do jardim, voltar ao piano, ler sem pressa aquilo que me interessa, continuar o trabalho voluntário que sempre realizei, são perspectivas com as quais antecipadamente me alegro.

IHU On-Line - Qual o perfil do idoso atualmente?

Sonia Bredemeier - Pelos indicadores do IBGE (2000), podemos constatar que diminuíram os idosos analfabetos, que mais idosos têm uma renda, as mulheres são a maioria, muitos ainda trabalham regularmente, a maioria tem uma vida autônoma e independente. Menos de 1% está institucionalizada. Uma grande parte ainda vive com sua família e muitos moram sozinhos. Mas ainda temos muitos idosos pobres e que mantêm a família com sua renda. Isso mostra uma realidade que demanda inúmeros programas e ações que permitam melhorar este quadro, que têm sido previstos

no Estatuto do Idoso sob a forma dos direitos do idoso. A luta de todos deveria ser concretizá-los de forma ampla, dignificando o envelhecer.

IHU On-Line - Como a sociedade de hoje vê a população idosa?

Sonia Bredemeier - Acho que sou bastante otimista a esse respeito. Apesar de encontrarmos manifestações de desprezo, nas mais variadas formas, acredito que a tendência da sociedade é a de querer bem, de cuidar dos que estão envelhecendo, dos pais que criaram seus filhos, dos avós que cuidaram dos netos, das pessoas que se constituíram em modelos para todos nós. Os mais céticos podem trazer exemplos de maus tratos, de violência, mas seguramente não é assim que a maioria das pessoas se relaciona com os mais velhos. Existem condições que propiciam fazer da velhice um período de “acerto de contas” em relação a situações mal resolvidas ou vividas de forma inadequada na juventude ou na vida adulta. Nosso próprio corpo oportuniza esta experiência. A forma como o agredirmos enquanto jovens se manifestará negativamente na velhice. Na família, a agressão e violência presentes, se agudizarão na velhice. Por outro lado, aquilo que fizemos de positivo antes de envelhecermos certamente dará seus frutos oportunamente. Parece tão simples. Mas não é. A vida competitiva que vivemos, as cobranças que fazemos dos outros e de nós mesmos, muitas vezes nos levam a destruir em vez de construir. E tudo tem seu preço. E todos temos nosso “ladinho” feio. Mas não é o que se sobrepõe usualmente, acredito eu.

IHU On-Line - Existe um sentimento de submissão por parte dos idosos?

Sonia Bredemeier - Em muitos idosos, sim. Este sentimento está ligado, conforme alguns estudiosos e a partir das experiências que tenho vivido, à forma como o envelhecimento tem sido encarado no tipo de sociedade

em que vivemos. Nesta, só o que brilha tem mais valor, o que é novo, o que é descartável é mais prático. Se as pessoas não são novas, não brilham (por fora) e não são descartáveis, seguramente estão na contramão. Então sentem-se mal e submetem-se a situações que seriam inadmissíveis no período da vida em que detinham o “controle” da situação, seja por terem um trabalho e um salário, seja por serem jovens. É uma visão muito voltada para o “ter” que está interiorizada também nos próprios velhos. E impede que se dêem conta de que submetendo-se estão sendo coniventes com aquilo que os prejudica. Assim, em vez de contraporem-se, lamentam-se e se sentem vítimas dos filhos, da sociedade, etc. Tem-se trabalhado bastante esta questão nos grupos de convivência, no sentido de elevar a auto-estima dos idosos.

IHU On-Line - Quais os impactos sociais de uma população cada vez mais velha?

Sonia Bredemeier - São inúmeros e certamente estão relacionados com o despreparo da sociedade em enfrentar o seu envelhecimento. Os valores que estão presentes, as resistências em aceitar as limitações presentes na velhice, de um modo geral, se refletem na inadequação das políticas de prevenção, na falta de equipamentos para qualificar esta última etapa da vida. Se não previno, terei um custo altíssimo para dar conta das conseqüências negativas que se refletem na saúde, por exemplo, que está bem próximo de nós, como o caso da vacinação contra a gripe. Quantos idosos deixaram de ser hospitalizados por não terem tido complicações respiratórias, pneumonia, etc.? A depressão, o suicídio, a hipertensão, as quedas, os acidentes de trânsito, a violência na velhice são freqüentes e relacionados ao isolamento do velho, à sua falta de perspectivas, a problemas de saúde que poderiam ser contornados com programas adequados, em suma, programas que preparassem a sociedade e os velhos para esta fase da

vida.

IHU On-Line - A senhora gostaria de acrescentar mais algum comentário sobre o tema?

Sonia Bredemeier - Sim, pois poderíamos discutir e tratar do envelhecimento por muito tempo, e realmente cinco questões permitem que somente se tangencie esta questão. Todavia, acho importante remeter a reflexão sobre a forma como as pessoas vêem a possibilidade, que na realidade é uma certeza, do seu envelhecimento. Neste sentido, penso que a sociedade está dando só agora os primeiros passos. Pois, envelhecer, preparar-se para uma vida fora do trabalho, é visto com resistência, como se, deixando de tratar disso, se pudesse evitar o evento pelo qual, todos passaremos a não ser que morramos antes. Mas também sobre a morte poucos querem pensar. Se analisarmos a fundo, com toda a bagagem intelectual, afetiva, social, entre outras, de que se dispõe, age-se de forma inconseqüente neste sentido, na minha forma de analisar. Nega-se um fato

que é irreversível. Mas penso que isso está relacionado às pressões e inseguranças que vivemos e sentimos, sobre as quais é imprescindível discutir, conversar, etc., sem pejo, sem medo de mostrar o quanto estamos preocupados e fragilizados com a perspectiva que se avizinha próxima ou futuramente. Não podemos negar que a forma como muitas sociedades, e entre elas a brasileira, têm lidado com os suportes sociais de toda ordem que se fazem necessários na velhice deixa a desejar. Só um grupo privilegiado pode usufruir de uma aposentadoria condizente, de um ambiente adequado, dos recursos dos quais necessita, podendo, assim, contornar as limitações que são inevitáveis e potencializar outras oportunidades que se apresentam quando se está mais velho. O ideal seria que todos tratassem e projetassem para si e para os outros um envelhecimento saudável, qualificado. Assim, talvez seja possível criar mecanismos, formas de construir as condições para uma velhice digna da importância do ser humano.

O envelhecimento é um processo natural, não uma doença terminal

ENTREVISTA COM SUZANA WOLFF

A educadora física Suzana Wolff, professora no Centro de Ciências da Saúde na Unisinos, concedeu uma entrevista com exclusividade, por e-mail, à IHU On-Line sobre o tema de capa desta semana. Wolff, que é coordenadora do Programa Pró-Maior, anteriormente chamado de Núcleo Temático da Terceira Idade (Nutti) e ligado à diretoria de Ação Social e Filantropia da Unisinos e agora ao Programa de Ação Social na Área de Envelhecimento Humano, é graduada em Educação Física pela Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo (Feevale). É mestre em Educação pela Unisinos com a dissertação A terceira idade na universidade: um diagnóstico reflexivo e prospectivo a partir da Universidade do Vale do Ri dos Sinos. Doutorou-se em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com a tese A Universidade como espaço promotor do envelhecimento bem-sucedido: um estudo de caso.

Wolff escreveu inúmeros artigos técnicos, textos em jornais e revistas, além de trabalhos apresentados em congressos, sempre versando sobre os temas que abordou ao longo de sua formação. Algumas das disciplinas que ministra no momento são “Terceira idade” e “Psicologia do envelhecimento humano”. Para maiores informações sobre o Programa Pró-Maior, visite a página www.unisinos.br/projetos_sociais/nutti/.

IHU On-Line - O que caracteriza o processo de envelhecimento humano?

Suzana Wolff - O envelhecimento não é um processo estático, estável e equilibrado. Ele se apresenta, tanto em sua estrutura como em suas funções, como um processo individual e coletivo, contínuo e cíclico, eminentemente pessoal. Esse processo se dá dentro de contextos de inter-relações variadas, físicas, químicas e biológicas, como também com outras que são de caráter psíquico e cultural. Logo, não há um processo único de envelhecimento e, portanto, ele necessita ser identificado em suas particularidades. O que se pode

afirmar é que o envelhecimento é um processo natural, e não pode ser encarado, exclusivamente, como uma doença terminal.

IHU On-Line - Quais as principais etapas e marcas dessa experiência?

Suzana Wolff - Dentro da realidade ocidental e seu ambiente físico e social, associadas a elementos biológicos, algumas manifestações podem ser consideradas, nos dias atuais, como “rituais de passagem” para a velhice, como, por exemplo, a aposentadoria ou a menopausa, no caso das mulheres.

Logicamente, conforme já afirmei, estes impactos sociais e físicos podem ser absorvidos de diferentes formas, dentro da dimensão existencial e pessoal. Ou ainda, fazer 60 anos, conforme o Estatuto do Idoso, que sinaliza a idade limite para ser idoso no Brasil.

IHU On-Line - O que podemos entender por “envelhecimento bem-sucedido”?

Suzana Wolff - A reflexão acerca de um “envelhecimento bem-sucedido” tem ocupado espaços significativos de discussão em publicações recentes, já que é visível a transformação qualitativa no processo de envelhecimento de determinados grupos de idosos. E ainda isso se fortalece se for considerada a aproximação deste tema às questões que envolvem a área da saúde. Quanto ao conceito de envelhecimento bem-sucedido, ainda não existe um consenso dos estudiosos, porém pode-se afirmar resumidamente que é uma condição individual e grupal de bem estar físico, social e espiritual, referendados aos ideais da sociedade, às circunstâncias históricas e aos valores existentes no ambiente, respeitando os limites da plasticidade de cada um. Sem dúvida, a temática é atraente e reflete-se em um novo otimismo no campo da Gerontologia, que por sua vez, deve reforçar a discussão sobre o processo de envelhecimento de um modo geral. Não é só o meio acadêmico, ou a mídia, porém, que vêm trazendo ao debate questões que envolvem o bem-envelhecer. A Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento, realizada em Madri, em 2002, aprovou um documento (Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento), que busca orientar políticas públicas relacionadas com o envelhecimento no século XXI. Este Plano apresenta prioridades extremamente pertinentes ao envelhecimento bem-sucedido.

IHU On-Line - Como se constitui o trabalho do Pró-Maior?

Suzana Wolff - O trabalho que desenvolvemos aqui na Unisinos junto a Diretoria de Ação Social e Filantropia, busca refletir e construir coletivamente com a população idosa e seus representantes legais, alternativas de transformação da realidade social. Esse trabalho tem resultado em pequenas e significativas mudanças na vida dos participantes do projeto, além de contribuições na elaboração e desenvolvimento de políticas públicas.

IHU On-Line - Quais as bases desse Programa?

Suzana Wolff - O Programa Maior Idade, Pró-Maior, organiza-se em três interfaces de intervenção que são: a) intervenção social e filantrópica - concretizada por meio de projetos, dirigidos à população maior de 50 anos; b) intervenção acadêmica: concretizada por meio de experiências de alunos em estágios ou em experiências voluntárias de estudantes da Unisinos nos projetos sociais, refletindo na formação profissional e pessoal de nossos alunos e professores; c) intervenção Institucional: concretizada pela representação da Unisinos em instâncias acadêmicas, governamentais e não-governamentais na área do envelhecimento.

IHU On-Line - Que valores se tenta passar para as pessoas envolvidas?

Suzana Wolff - Certamente os valores que defendemos coletivamente são aqueles em que acreditamos, e, portanto, estão inspirados no humanismo social cristão. Ou seja, não basta crer, temos que manifestar nosso humanismo social com subsidiariedade, associando-o às nossas atitudes de forma crítica e reflexiva.

IHU On-Line - Qual a contribuição da academia, da pesquisa, para a questão do envelhecimento humano?

Suzana Wolff - Os estudos sobre o processo de envelhecimento e suas repercussões são muito recentes. No início do século XX é que a academia começou a identificar e pesquisar as duas principais áreas associadas

ao envelhecimento: Geriatria e Gerontologia. Até meados dos anos 1950, as pesquisas da Geriatria predominaram e destinavam-se ao estudo clínico da velhice (por analogia com pediatria, que é o estudo clínico da infância). Com o fim da II Guerra e o aumento da qualidade de vida da população, os Estados Unidos e vários países da Europa começaram a vivenciar o processo de transição demográfica, havendo um aumento na proporção de pessoas idosas. Com isso, a ciência se vê obrigada a encontrar soluções individuais e coletivas para outras áreas que envolvem a velhice, como educação, psicologia, antropologia e sociologia, fortalecendo o campo da Gerontologia. Atualmente, ainda não temos aqui no Brasil políticas acadêmico-científicas direcionadas à investigação das questões associadas ao processo de envelhecimento e velhice. Por exemplo, as agências de fomento de pesquisa ainda não reconhecem o campo da Gerontologia como uma área de conhecimento específico. Sem contar que ainda são

incipientes as políticas acadêmicas para a formação de recursos humanos para trabalhar com os idosos.

IHU On-Line - Como se dá a relação entre o idoso e a família hoje? Qual o papel do idoso no núcleo familiar?

Suzana Wolff - A relação do idoso no contexto familiar hoje pode se apresentar de diferentes maneiras, e sem dúvida esta relação se modifica no decorrer da vida familiar. Por exemplo, o que observamos de mudanças significativas atuais são novos papéis que muitos avós assumem na educação de seus netos, contribuindo, inclusive, financeiramente para isso. Estes avós tornam-se responsáveis por determinadas situações deixando, muitas vezes, de pensarem em seu próprio envelhecer. Em outros momentos, este idoso ou idosa pode transformar-se em um dependente do grupo familiar, pois poderá apresentar limitações ou doenças próprias desta fase da vida, ocasionando mudanças radicais nos papéis previamente estabelecidos.

Em geral, as pessoas não se preparam para a aposentadoria

ENTREVISTA COM SERGIO ANTONIO CARLOS

Sergio Antonio Carlos é graduado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). cursou Especialização e Aperfeiçoamento em Lazer e Recreação na PUCRS. É mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) com a tese A gênese e a estrutura do serviço social brasileiro no período doutrinário católico. Publicou inúmeros livros, dentre os quais citamos Os Idosos no Rio Grande do Sul - Relatório de Pesquisa. Porto Alegre: Conselho Estadual do Idoso, 1997. É um dos organizadores de Psicologia Social Contemporânea. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001 e um dos autores de Idosos Urbanos Aposentados na Região Metropolitana de Porto Alegre. São Leopoldo: CEDOPE - UNISINOS, 1999. Sergio é editor da Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, publicada pela UFRGS.

Em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, o pesquisador mencionou que, ao contrário do que as pessoas pensam, a aposentadoria não “vai mudar a vida da pessoa”, pois as características e hábitos do sujeito continuam os mesmos. E, em geral, as pessoas não se preparam para esse momento da vida, muitas vezes, continuando vinculadas ao trabalho, que servia como referência do seu “eu”. Há, ainda, aspectos perversos, como o mercado de trabalho, que entende o sujeito como objeto descartável, e troca trabalhadores com muita experiência por outros que podem custar menos para a empresa.

IHU On-Line - Qual é o perfil do idoso aposentado urbano residente em Porto Alegre? Em linhas gerais, esse perfil está próximo ao dos outros estados? Por quê?

Sergio Antônio Carlos - Em primeiro lugar, há nesse perfil do idoso aposentado urbano de Porto Alegre o aspecto da longevidade do gaúcho, que é maior em relação a outros estados brasileiros. Outra característica daqui, mas que não é exclusividade gaúcha, é que as pessoas se aposentam e continuam a trabalhar. Qual é a idéia que se tem de aposentado? A primeira idéia quando se fala nessas pessoas, é pensar em alguém que não

trabalha mais. Aposentado é igual a não trabalhador. Na realidade, isso não acontece, não são sinônimos necessariamente. Precisamos pensar em “aposentadoria burocrática”, embora essa não seja uma expressão muito feliz. Hoje, com a nova legislação, se completa um número determinado de contribuições e a idade mínima necessária para a aposentadoria. Então, o que acontece é que a pessoa requer sua aposentadoria perante o órgão da previdência social, INSS, o que não significa, contudo, que abandonará a empresa ou seu posto de trabalho. Há exemplos de pessoas que continuam na mesma indústria, na mesma máquina em que trabalhavam antes. Para essa

pessoa, a aposentadoria significou um ingresso a mais de dinheiro mensal. Essa pessoa continua desempenhando suas funções. É diferente daquele sujeito que se aposenta por motivos de saúde ou acidente de trabalho. Tanto que perguntávamos para essas pessoas, ditas aposentadas, como se prepararam para a aposentadoria, e elas respondiam que haviam entregado a documentação para o encarregado na empresa, que a encaminhou ao INSS. Essa era, simplesmente, uma relação burocrática com o INSS. Claro que existem pessoas que irão afastar-se, achar que agora vão viver o que não viveram e, certamente, aí há uma questão de mercado de trabalho, com toda a dificuldade que existe hoje em função de emprego, que às vezes não é por emprego, mas a pessoa começa a trabalhar autonomamente. Muitas vezes, então, a continuidade no trabalho acontece por questões econômicas, e as pessoas continuam trabalhando porque precisam, mas se colocarmos para essas pessoas a pergunta sobre se não fosse mais preciso trabalhar, se elas parariam, e elas normalmente respondem que não. E aí vem uma coisa séria, de que nós somos treinados a vida toda para trabalhar, e não para curtir a vida. Então há uma espécie de sentimento de culpa. Por exemplo, se hoje eu, no meio da tarde, não (estivesse) na universidade, mas sim na Feira do Livro, o que até se justificaria em função da minha atividade como professor, porque preciso me informar e conhecer, isso poderia não ser entendido corretamente. Em geral, ir passear, caminhar numa praça, ir à academia fazer esportes enquanto todas as outras pessoas estão trabalhando é mal-visto, parece uma coisa de pessoa desocupada. É uma questão muito arraigada.

Algumas empresas, atualmente, promovem atividades chamadas de cursos de preparação para a aposentadoria, tentando encaminhar as pessoas para esse desligamento da empresa. São dadas opções, em alguns desses cursos, sobre o que dá para se fazer depois de aposentado.

Lembro-me de um desses cursos, no qual fui convidado a dar uma palestra. Quando eu estava terminando, uma pessoa levantou e, agradecendo, disse que agora as pessoas se davam conta de que, com o Estatuto do Idoso, era importante o trabalho voluntário, o engajamento em atividades com idosos etc. Seria algo do tipo, “agora eu me aposento e vou fazer um trabalho voluntário”, como sendo uma coisa nova na vida. Mas tivemos uma mestranda aqui na UFRGS, que realizou uma pesquisa com homens de mais de 70 anos que faziam trabalho voluntário, e detectou que todos eles já faziam atividade voluntária desde a adolescência ou desde muito jovens. Era uma prática da vida deles, e não uma coisa nova introduzida depois da aposentadoria. A idéia que se tem é que a aposentadoria vai mudar a vida da pessoa, mas normalmente isso não ocorre. Continuamos com suas características.

IHU On-Line - Quais são as inter-relações entre trabalhadores aposentados da terceira idade e suas repercussões na identidade do eu? Homens e mulheres reagem de forma diferente nesse momento?

Sergio Antônio Carlos - A idéia para essa pesquisa partiu de um aspecto, que, na época, a professora Maria da Graça Jacques¹ abordou em sua tese de doutorado na linha da construção da identidade do trabalhador. O que ela mostrava era que o trabalho era um elemento constitutivo da identidade, porque a pessoa se apresenta com a sua profissão. Eu me identifico com o que faço. Se pedirmos para as pessoas descreverem quem elas são, elas falarão de sua profissão, de seu trabalho. Então, partíamos desse princípio. O trabalho está tão arraigado que identifica as pessoas. Nossa questão era se a pessoa se identificava com seu trabalho, como ela se comportaria depois de aposentada, de “romper” com seu

¹ Maria da Graça Corrêa Jacques: psicóloga brasileira, organizadora de, entre outros, *Psicologia Social Contemporânea* - Livro Texto. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. (Nota da *IHU On-Line*)

trabalho. Então procuramos autores norte-americanos, como Robert Atchley¹ que abordava o que denominava de fases com relação à aposentadoria como a preparação, a lua-de-mel, a fase do desencantamento: depois a pessoa morria ou se adaptava a outra situação. Achamos que iríamos encontrar isso aqui. E claro que não foi isso que encontramos! Muitas pessoas se aposentavam e continuavam trabalhando. Esse foi o grande nó. A pessoa está aposentada, mas não se desvinculou do mundo do trabalho. Ela continua trabalhando, mas, às vezes, por conta própria, inclusive. Mais tarde, quando consegue romper um pouco mais com essa relação, ela parte para o trabalho voluntário, que é o que encontramos entre esses homens pesquisados, de 70 anos ou mais, aos quais me referi há pouco, que eram empresários, ou altos executivos que no momento estavam trabalhando em algumas entidades assistenciais de grande porte como gerentes. Esse era o trabalho voluntário deles - na mesma coisa que faziam antes. Então ele não mudou, não foi contar histórias para crianças, não foi isso. Ele vai fazer o que sabe fazer, e é bom nisso. Não há, portanto, um desvinculamento, mas uma diminuição da intensidade da atividade. A pessoa busca algo para permanecer ligada à sua atividade anterior.

Situações de trabalho na vida de aposentado

Há estudos com as mulheres, demonstrando que há uma característica um pouco diferente. Consideremos, primeiramente, que hoje trabalhamos com mulheres aposentadas que têm de 60, 70 a 80 anos. São mulheres nascidas da metade do século passado para trás. Então há toda essa situação diferente do perfil que terá uma aposentada no ano 2020, por exemplo. Será um outro mundo. A mulher que trabalhou fora de casa, mantinha

¹ Robert Atchley: professor do departamento de Gerontologia na Universidade Naropa, em Boulder, Colorado, EUA. É autor de, entre outros, *Vision loss in na aging society: a multidisciplinary perspective*. New York: AFB Press, 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

duas ou três jornadas. Isso porque ela trabalhava na fábrica, ou no escritório, mais as atividades do lar. Quando ela se aposenta, deixa de trabalhar fora de casa, mas continua com toda a atividade em casa. Outra coisa característica das mulheres desse período é que elas, por terem essa vida doméstica, estão mais acostumadas a permanecerem mais tempo em casa quando aposentadas, “curtindo a casa”, ajeitando tudo aquilo que não se podia fazer quando se trabalhava fora. Cuidar dos netos é outra atividade... Já o homem viveu quase sempre muito mais “na rua”. Há história de homens que, mesmo sem trabalhar, estando aposentados, precisam sair de casa e “ir para o trabalho”. Às vezes, eles vão para a frente da fábrica, encontram os amigos, vão a um boteco perto, ficam “fazendo hora” até o momento em que as pessoas da empresa saem para voltar às suas casas. Assim, eles “ocuparam” o tempo na fábrica.

Trabalhei uma época num banco, no qual tínhamos um colega aposentado que ia para lá todos os dias. Na hora em que iniciava o expediente ele chegava, sentava à mesa perto de um dos gerentes e saía quase na hora em que nós saíamos. Diariamente isso acontecia. Ele não conseguiu se colocar em outra posição, desvencilhar-se da condição antiga.

IHU On-Line - E querendo imprimir um ritmo de trabalho nas suas atividades de casa...

Sergio Antônio Carlos - Sim, com certeza. Há também a atitude de homens que, aposentados, ficam em casa, e isso se torna um problema, porque nunca estavam em casa e, de um momento para outro, ali se enclausuram. Esses homens “supervisionam” as tarefas domésticas, abrem as panelas para ver o que está sendo cozido, e isso resulta, muitas vezes, em separação. As pessoas não se agüentam mais... Os profissionais que trabalham com preparação para a aposentadoria afirmam que é fundamental a preparação da família para receber o aposentado. Isso porque não é apenas o sujeito se

preparar para sair do trabalho, mas é necessário que a família se prepare para receber essa pessoa mais tempo em casa. Senão, o aposentado coloca um chinelo e fica sentado na frente da televisão o dia todo. Ou ele pode querer “administrar” a casa, coisa que não fazia antes, enlouquecendo os outros.

IHU On-Line - As pessoas estão preparadas financeira e psicologicamente para se aposentar? Por quê? Quais são as principais conseqüências da aposentadoria na suas vidas?

Sergio Antônio Carlos - Acredito que, quando a pessoa está preparada para trabalhar, dificilmente irá colocar-se claramente a situação de que vai parar de exercer sua função. Então, há situações de pessoas que dizem que “a aposentadoria me pegou de surpresa”, uma aposentadoria compulsória, como no serviço público, quando as pessoas com 70 anos são jubiladas. Mas isso não é real, porque as pessoas entram no serviço público sabendo que, nessa idade, deverão sair. Há uma legislação. Mas as pessoas não colocam isso como perspectiva, não pensam o que vão fazer quando se aposentarem. Existem casos, até mesmo dentro da universidade, de professores que continuam como colaboradores voluntários, ligados à Pós-Graduação. Porque não pensamos na aposentadoria? As pessoas associam a aposentadoria à morte. Então, não nos preparamos para nos aposentar porque isso é nos preparar para morrer. Acontece aí um mecanismo de negação. Pensar que não vamos nos aposentar, é como se fôssemos trabalhar eternamente e que as pessoas precisassem sempre de nós. Na hora em que pensamos a aposentadoria como uma coisa normal, teremos que admitir que somos substituíveis. Outras pessoas vão continuar fazendo o que fazemos hoje, de maneira diferente, mas vão continuar, e não vamos mais ser necessários. O que imaginamos é que somos eternos, e a eternidade diz respeito, inclusive, a sermos

insubstituíveis naquilo que fazemos. Por que os políticos querem se reeleger? São só quatro anos e não conseguiram fazer nada, então precisam de mais quatro para governar... É a mesma lógica de a pessoa que não quer se aposentar. Outro aspecto é que não é fácil admitirmos as perdas físicas, intelectuais, que de repente não teremos a mesma agilidade física e mental que outras pessoas têm, não agüentaremos mais uma turma de 50, 60 adolescentes para dar aula no início da graduação, essas coisas podem ser irritantes, desgastadas. Muitas vezes, as pessoas não têm mais condições de passar por isso, não ouvem mais direito, têm dificuldade de leitura, e isso coloca o sujeito numa situação de escolha, de ter que decidir e achar alternativas. Na hora em que admitimos isso, admitimos que estamos “decaindo”.

IHU On-Line - Mas também há um lado bastante perverso no mercado de trabalho, que exclui aquelas pessoas que atingiram uma maturidade profissional e que são simplesmente demitidas e substituídas por jovens que, muitas vezes, não têm a menor experiência...

Sergio Antônio Carlos - Hoje o mercado de trabalho lida com o trabalhador como um objeto descartável. Enquanto o trabalhador interessa, é preciso que ele faça a tarefa bem-feita, e a um baixo custo. Tomemos o exemplo de uma universidade particular. Por que as substituições são feitas? Por que é preciso que todos sejam doutores para dar aula na graduação se o MEC exige apenas um percentual “X”? Se atingirmos esse percentual, é suficiente. Os doutores excedentes representam um custo na folha de pagamento, e posso substituí-los por um sujeito com mestrado, especialização ou uma simples graduação. Há um percentual para se jogar com isso e a qualidade da avaliação externa não baixa com isso. Vou pagar menos para o novo professor. Não há adicionais por tempo de

serviço, por exemplo. São 10 a 15% a menos de salário. Há, portanto, todo um lado econômico em questão. Precisamos pensar que existe um exército de reserva, de pessoas, mão-de-obra, que são altamente qualificadas e dispostas a trabalhar por qualquer salário. Hoje, “damos um chute” e saltam profissionais de todos os cantos, alguns até dispostos a trabalharem sem receber, apenas para adquirirem experiência. Com isso, na medida em que há uma saturação no mercado, é possível “descartar” as pessoas para substituí-las por outras que irão diminuir o custo de produção. Essa é a lógica, e aí não interessa se a pessoa é muito capaz ou não. O tempo que será levado para treinar o novo funcionário poderá compensar a perda que haverá no ritmo inicial. Mas é uma lógica de descarte, de mercadoria, como se usa uma caneta e se joga fora. Antes havia o tinteiro, agora jogamos a caneta inteira no lixo.

***IHU On-Line* - Como se configura o mercado de trabalho formal e informal para os aposentados?**

Sergio Antônio Carlos - Não sei os dados numéricos, mas a questão da informalidade existe e não é só para os idosos. Agora, existe um mercado que está surgindo nas próprias empresas para os idosos, não só porque não precisa pagar a parte previdenciária, porque a pessoa já está aposentada, mas porque o sujeito já não paga mais passagem, a pessoa tem preferência na fila de banco. Então, é possível encontrar muitos aposentados que trabalham como *office-boys*. Em supermercados, os idosos vêm ganhando cada vez mais espaço, executando

tarefas de degustação, promoção de produtos, e há todo um fator de credibilidade por traz disso. Ter uma pessoa bem apresentável, de mais idade, dizendo que o produto que o cliente irá levar é bom, passa credibilidade.

***IHU On-Line* - De que forma o senhor percebe a continuidade do aprendizado, de estímulos educativos na vida da pessoa que atinge a terceira idade?**

Sergio Antônio Carlos - Só vamos nos manter ocupados intelectualmente na aposentadoria se isso for uma prática de nossa vida inteira. Isso não vai acontecer apenas na aposentadoria. Um idoso analfabeto não irá ler, fazer palavras cruzadas, não vai escrever. Mas ele pode ver TV, ouvir rádio, estabelecer uma comunicação tremenda com o locutor que trabalha na madrugada, quando ele tem insônia, ouvir notícias, estar bem-informado, não só vendo novelas, mas noticiários, programas culturais. Mas eu acredito que isso não tem a ver com a idade, mas com os hábitos que desenvolveu durante a vida, com o nível socioeconômico, cultural, de ter acesso ou não a determinadas coisas. No entanto, muitos profissionais afirmam que é muito importante exercitar a memória, fazendo palavras cruzadas - por exemplo, o que pode ajudar a retardar a “perda de memória”. Assim como é bom fazer exercício físico na terceira idade, é bom manter o cérebro ativo. Mas isso, repito, é uma prática que vem de antes da aposentadoria, e não se configura de uma hora para a outra.

A importância da alimentação correta na terceira idade

ENTREVISTA COM JOSIANE SIVIERO

Para a nutricionista Josiane Siviero, professora do Centro Universitário La Salle, em Canoas, a alimentação é “um dos fatores ambientais que possui um papel evidente desacelerando o envelhecimento e podendo contribuir com a melhoria na qualidade de vida” dos idosos. Por e-mail, ela disse à IHU On-Line que “sempre é tempo de se alimentar adequadamente, de proteger-se de problemas futuros”. Siviero é graduada em Nutrição pela Unisinos com a monografia Alguns Aspectos relacionados ao Hábito Alimentar e Estilo de vida de Idosos acima de 80 anos de Idade e de seus Familiares Cuidadores em Veranópolis-RS. Mestrou-se em Gerontologia Biomédica pelo Instituto de Geriatria e Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com a dissertação Construção de uma Avaliação Nutricional Global de Idosos Socialmente Ativos do Município de Gravataí-RS. Seu doutorado, em Clínica Médica e Ciências da Saúde, foi realizado também na PUCRS, com a tese Associação entre a ingestão de proteína da soja com indicadores de saúde em uma amostra de Japoneses pertencentes às colônias Japonesas da região Metropolitana de Porto Alegre, orientada pelo médico Emílio Hideyuki Moriguchi, também entrevista pela IHU On-Line para a presente edição. É uma das organizadoras das obras Projeto Veranópolis: Reflexões sobre envelhecimento bem sucedido. Porto Alegre: Evangraf, 2002 e Relatório Comentado - Programa Gênesis de Pesquisa - Projeto Gravataí - RS (Período de 1999-2003). Gravataí, 2004.

IHU On-Line - Qual é a importância da alimentação na qualidade de vida do idoso?

Josiane Siviero - O sucesso do envelhecimento precisa de uma alimentação adequada, ou seja, de uma variedade de alimentos para que o organismo receba os nutrientes, necessários para que desempenhem as diferentes funções do corpo. Durante o processo de envelhecimento, é comum ocorrer algumas modificações fisiológicas, que podem deixar o idoso mais suscetível às deficiências nutricionais. E existem alguns nutrientes que, se não forem ingeridos diariamente, fazem falta no organismo, pois eles não são armazenados. É o caso das vitaminas hidrossolúveis (Vitamina C e as do complexo

B), portanto é necessário que os idosos tenham disciplina nas escolhas alimentares. A alimentação deve ser variada, equilibrada e com moderação para contemplar as necessidades de proteína, carboidrato, lipídios, vitaminas e minerais, segundo as recomendações nutricionais para faixa etária e gênero. Na nutrição, utilizamos a pirâmide alimentar como um dos guias para orientar as porções de alimentos que devem ser ingeridos diariamente. Os nutricionistas chamam a atenção para o equilíbrio alimentar, nenhum nutriente é mais importante que o outro, mas a chave do envelhecimento nutricional bem-sucedido, parte do princípio do equilíbrio alimentar. Enfatizamos a importância da

ingestão dos alimentos de origem vegetal, como é o caso das frutas e verduras. Isso porque esses alimentos são protetores, pois possuem vitaminas hidrossolúveis e compostos que possuem propriedades que atuam beneficemente na saúde humana. Por sua vez, a alimentação pode participar na prevenção, no tratamento ou no desenvolvimento de patologias. Então, se o idoso está com fator de risco ou alguma patologia que comprometa seu estado de saúde, se ele estiver com alimentação adequada, estará com certeza imunologicamente mais fortalecido. A nutrição adequada pode auxiliar muito na recuperação e, com isso, trazer

reflexos positivos para uma qualidade de vida melhor para os idosos.

***IHU On-Line* - Quais são os principais reflexos físicos no idoso de uma alimentação adequada?**

Josiane Siviero - Como comentei anteriormente, cada um dos nutrientes desempenham diferentes funções corporais, o excesso ou a carência deles, podem manifestar-se em desequilíbrios nutricionais e ter reflexos físicos sobre a saúde do idoso, é necessário, portanto, um equilíbrio entre eles. Segue abaixo um resuminho dos principais reflexos físicos obtidos por uma alimentação adequada.

Nutriente adequado	Benefício para o idoso
Água	Manutenção do funcionamento corporal de vários órgãos como os rins, é necessário para o bom funcionamento intestinal, elasticidade da pele e hidratação.
Carboidrato em quantidade adequada (pães, massas, arroz, cereais integrais, ...)	Evita obesidade e sobrepeso, diabetes, hipertrigliceridemia, fornecem energia.
Proteína (carne, peixe, frango, leite, ovos, feijão, lentilha, soja,...)	Previne desnutrição, em excesso pode contribuir com problemas renais. Mantêm o tônus muscular.
Lipídios (óleos vegetais, gordura da carne,...)	Se ingeridos adequadamente previnem colesterol alto, obesidade, doenças cardiovasculares, entre outras
Fibras (cereais integrais, pães de centeio, arroz integral, granola, aveia, frutas, verduras,...)	Auxiliam no funcionamento intestinal, sensação de saciedade, previnem obesidade e colesterol alto. Possuem vitaminas
Vitamina A (Fígado, leite e derivados, ovos, mamão cenoura, espinafre, tomate, brócolis, laranja, pêsego, abóbora, aspargo, vegetais verdes escuros, frutas e legumes amarelos, alaranjados)	Preservam a visão, contribui com a elasticidade e renovação da pele, contribui com a manutenção de gengivas saudáveis
Vitaminas Complexo B (arroz integral, ervilha, feijão, milho, soja, castanha, nozes, carnes,	Previne anemia, contribuem com a memória, entre outras

ovos, aveia, germe de trigo, vegetais de folhas verdes, tomate, banana,)	
Vitamina C (frutas cítricas, laranja, limão, kiwi, morango, tangerina, vegetais como pimentão, agrião, salsa, salsaão)	Auxiliam na cicatrização, aumentam a absorção do ferro, atuam sobre o humor, protegem pele, dentes, gengivas, tem ação anti-hemorrágica. É um antioxidante.
Vitamina D (atum, fígado, leite, ovos, queijo, cogumelos, alguns peixes)	É ativada com a luz solar, auxilia no metabolismo ósseo, dentes, participa de reações com o cálcio e fósforo.
Vitamina E (Verduras verde-escuras, óleos, margarinas, amendoim, brócolis, agrião,...)	Antioxidante que retarda o processo de envelhecimento, proteção e formação de glóbulos vermelhos, músculos, pulmões.
Vitamina K (feijão, repolho, tomate, leite e derivados, ovos, fígado, agrião, alface, couve,...)	Atua na coagulação sanguínea, previne hemorragias, auxilia na absorção do cálcio dos ossos.
Cálcio (leite, iogurte, queijos, brócolis, gergelim, nozes, feijão, ...)	Atuam na manutenção e formação dos ossos, previne osteopenia e osteoporose, auxilia na contração muscular.
Ferro (carnes vermelhas, fígado, peixe, feijão, lentilha, nozes, legumes verdes escuros, brócolis, radite, beterraba,)	Previne anemia, atua no metabolismo energético e síntese do material genético.
Selênio (castanha do Pará, brócolis, cereais integrais, peixes, germe de trigo,...)	Antioxidante, atua nas funções neurológicas e contribui com a elasticidade dos tecidos
Sódio (sal, leite, embutidos, alimentos industrializados, caldos de galinha, refrigerante, ...)	Em excesso eleva a pressão arterial, deve ser consumido com moderação, pode reter líquidos.
Zinco (aveia, levedo de cerveja, carnes, fígado, espinafre, nozes, ...)	Favorece o sistema imunológico, é antioxidante, relacionado com apetite e sabor dos alimentos, auxilia na cicatrização.

IHU On-Line - Os idosos do século XXI se alimentam melhor? Por quê? Seus hábitos alimentares mudaram muito? Quais seriam as maiores diferenças?

Josiane Siviero - Depende. Porque a alimentação melhor ou pior, é obtida pelas escolhas alimentares individuais, pelo conhecimento sobre a alimentação

adequada e seus benefícios e através do acesso aos alimentos. Os hábitos alimentares se modificaram muito com a passagem do tempo, hoje observamos que as pessoas têm acesso a uma variedade de alimentos que não existiam antigamente. Sob aspecto positivo temos alternativas de alimentos para diabéticos, hipertensos,

intolerância à lactose, dislipidemia¹, entre outros problemas. No entanto, existem alguns alimentos que são ricos em conservantes e compostos nem sempre benéficos, que, se consumidos em quantidades exageradas, podem predispor a muitas doenças crônicas. Então reforço que os idosos devem estar atentos às propagandas, muitas vezes, enganosas, devem buscar o conhecimento e orientação dos alimentos que são adequadas às suas necessidades nutricionais individuais, considerando seu perfil de saúde.

***IHU On-Line* - Pode-se falar em um aumento na expectativa de vida do idoso em função da melhoria da sua alimentação?**

Josiane Siviero - O aumento da expectativa de vida deve-se principalmente ao controle de doenças infecto-contagiosas, controle da natalidade infantil e aos avanços tecnológicos e científicos. Hoje temos melhores diagnósticos, medicamentos e tratamentos com profissionais de várias áreas. Além disso, observamos que os profissionais nutricionistas atuam em busca de novas alternativas de opções de alimentos tanto para promoção de saúde como no tratamento. A alimentação é descrita como um dos fatores ambientais que possui um papel evidente desacelerando o envelhecimento e podendo contribuir com melhoria na qualidade de vida.

***IHU On-Line* - É possível corrigir na terceira idade os hábitos alimentares equivocados, cometidos ao longo da vida, e obter bons resultados?**

Josiane Siviero - Sim, sempre é tempo de se alimentar adequadamente, de proteger-se de problemas futuros

¹ **Dislipidemias:** alterações da concentração de lipídeos no sangue. Os lipídeos são responsáveis por várias funções (produção e armazenamento de energia, absorção de vitaminas, etc.), mas o excesso está relacionado à aterosclerose. Este processo ocorre em vasos onde há instalação de lesões em forma de placas, causando obstrução ao fluxo sanguíneo. (Nota da *IHU On-Line*)

através de hábitos alimentares melhores e, com isso, obter benefícios em prol da qualidade de vida.

***IHU On-Line* - Existe uma receita, um cardápio, para se ter uma terceira idade mais saudável?**

Josiane Siviero - Sim, a receita é adotar uma alimentação equilibrada sem perder prazer. Essa compreende a variedade, o equilíbrio e a moderação nas escolhas alimentares. Seguem algumas dicas para um cardápio mais saudável:

- Inclua gradualmente novos hábitos alimentares e atitudes saudáveis;
- Lembre o que comeu durante o dia e verifique se esta alimentação foi adequada;
- Conheça os alimentos (porções/dia) e fontes de nutrientes (carboidratos, lipídeos, proteína, minerais, vitaminas, água, fibras, alimentos funcionais);
- Evite exageros em refeições especiais (festas, viagens, restaurantes,...);
- Leia os rótulos dos alimentos (solicitar atendimento ao consumidor, data de validade, decifrar as porções dos alimentos);
- Conheça os termos técnicos, como não contém colesterol, integral, *diet*, *light*, ...;
- Experimente, analise e avalie as novidades em produtos alimentícios, receitas e verifique se atendem suas necessidades;
- Observe o que há por trás do prato escolhido;
- Lute por espaço na geladeira para frutas secas ou frescas, saladas pré-lavadas, alimentos desnatados;
- Evite jejum por mais de 4 horas, coma pouco e frequente para facilitar a digestão. O ideal é ingerir no mínimo 4 refeições por dia (café, almoço, lanche e janta);
- Não troque as refeições principais por lanches;
- Coma devagar e mastigue bem os alimentos;
- Comece uma refeição comendo uma fruta ou uma salada;

- Aumente o consumo de fibras, ingerindo frutas e verduras, cereais integrais, como pão de centeio, arroz integral, farelos de trigo e aveia;
- Reduza o óleo nas preparações cozidas ou nas saladas;
- Coma no mínimo 2 frutas e 2 porções de vegetais diferentes por dia;
- Beba entre 1,0 e 2,0 litros de líquidos diariamente. (6-8 copos de água, 15 a 20 cuias médias de chimarrão);
- Evite bebida alcoólica;
- Quando você tomar remédios, pergunte ao seu médico ou nutricionista se existe algum tipo de alimento que não deva ser consumido junto com a medicação;
- Modere e evite as "tentações alimentares" como mesas fartas diariamente.

IHU On-Line - Com relação aos grupos de pesquisa que a senhora analisou em sua graduação, mestrado e doutorado, como a alimentação influencia seu estilo de vida?

Josiane Siviero - O que observo é que a alimentação adequada pode proteger ou tratar várias doenças e fatores de risco. Em minha graduação, avaliei idosos do município de Veranópolis¹ e observei que a alimentação deles era supervariada, com alimentos sem agrotóxicos, muitos produzidos em casa, rica em vegetais (frutas e verduras), fibras e, apesar de ingerirem queijos e alguns embutidos, isso é feito com moderação, ficando a quantidade de lipídios e dos outros nutrientes dentro das recomendações. No meu doutorado, avaliei a ingestão de soja na dieta dos japoneses da região metropolitana de Porto Alegre e observei que a ingestão da proteína da soja com moderação tem reflexos positivos na redução

¹ Veranópolis: município do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil Pertence à Mesorregião Nordeste Rio-Grandense e à Microrregião Caxias do Sul. É considerada a capital brasileira da longevidade por ser a terceira cidade no mundo neste quesito. Também é conhecida como a Princesa dos Vales. (Nota da *IHU On-Line*)

do colesterol entre outros benefícios. Atualmente estou trabalhando com o grupo da Terceira Idade do Unilasalle, observo que os idosos avaliados e que são orientados para uma alimentação adequada tiveram melhoras quanto à redução de quadros de dislipidemia, obesidade, hipertensão, diabetes, entre outros fatores. Mas é necessário que o idoso aprenda como se alimentar adequadamente, sem perder o prazer. Assim eu e as acadêmicas do curso de Nutrição, realizamos sistematicamente palestras educativas, oficinas culinárias sempre de acordo com o interesse, após levantamento das necessidades do grupo dos idosos.

IHU On-Line - Quais são as maiores inovações descobertas na nutrição e que podem auxiliar o idoso a melhorar sua saúde?

Josiane Siviero - A ciência da nutrição apesar de ser jovem, avança constantemente em pesquisas sobre o benefício ou malefício que os alimentos e comportamentos alimentares podem ter sobre a saúde dos idosos. Hoje estão sendo muito estudados os aspectos positivos que os compostos funcionais exercem sobre a saúde dos idosos. Esses compostos não são vitaminas, mas se ingeridos com moderação, podem beneficiar o organismo. Por exemplo, no tomate temos o licopeno, que protege de diversos tipos de cânceres; a proteína da soja contribui, amenizando sintomas da menopausa, redução do colesterol, entre outros. Também é estudado o papel das gorduras "trans, encontradas em bolachas, algumas margarinas, sorvetes, entre outros, com efeito negativo no aumento do colesterol se ingerida em grandes quantidades. Poderíamos falar de muitos outros aspectos que estão avançando, como a influência da genética e o a relação com alimentação, fármacos e nutrientes.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Josiane Siviero - Conselho para quem está envelhecendo: as escolhas alimentares são individuais, portanto vale a pena prestar atenção na alimentação, desde a infância para se proteger, sem é claro perder o prazer deste ato.

Conselho para os idosos: alimentem-se adequadamente, se vocês têm dúvidas, ou não sabem se

sua alimentação está correta, busquem orientação nutricional com profissional da área e não esqueçam: sempre é tempo de se cuidar. Lembrem-se dos alimentos podem CURAR E PREVENIR doenças ou podem ser agentes causadores da perda da saúde. Portanto, eles merecem toda a nossa atenção e cuidado! Acima de tudo a alimentação deve ser prazerosa!



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Brasil em Foco

Uma política econômica única e exclusivamente para controlar a dinâmica inflacionária

ENTREVISTA ESPECIAL COM FERNANDO FERRARI

"Muito mais do que pensar na política de estabilização econômica como objetivo final, é preciso entender que o controle do processo inflacionário não é o fim da política econômica, mas um meio de essa política assegurar crescimento e desenvolvimento" afirma Fernando Ferrari em entrevista à IHU On-Line. Para ele "é imprescindível que se tenha controle de capitais". A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias Diárias do Instituto Humanitas Unisinos (www.unisinos.br/ihu), no dia 9-11-2006.

Além da possível política econômica do segundo mandato de Lula, Ferrari fala também sobre o seu novo livro, Política comercial, taxa de câmbio e moeda internacional: uma análise a partir de Keynes. Ferrari é graduado em Economia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, fez o mestrado em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutorado em Economia pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado pela University of Tennessee System (1996). Atualmente, é professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Fernando Ferrari Filho publicou no Cadernos IHU Idéias, n.º 37, o artigo As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes. O texto está disponível nesta página para download. Na última semana, Ferrari autografou o livro Política comercial, taxa de câmbio e moeda internacional: uma análise a partir de Keynes, na livraria da UFRGS, em Porto Alegre.

IHU On-Line - É possível elevar a taxa de crescimento do PIB para 5%, mantendo a atual política de metas de inflação? Podemos ter metas de crescimento sem uma retomada do processo inflacionário?

Fernando Ferrari - Ao longo dos últimos quatro anos - supondo que este ano tenhamos um crescimento de três

pontos percentuais - o crescimento médio foi de 2,7%. Se ampliarmos esse intervalo para 1999 e 2006, portanto durante o período de estabilização econômica alicerçada em metas inflacionárias, teremos um crescimento médio de 2,5%. Crescer mais do que essa média, pensando audaciosamente entre 4 e 5 pontos percentuais, é

imprescindível para que se altere substancialmente a condução da política econômica. Muito mais do que pensar na política de estabilização econômica como objetivo final, é preciso entender que o controle do processo inflacionário não é o fim da política econômica, mas um meio de essa política assegurar crescimento e desenvolvimento. Se quisermos crescer algo próximo dos 5 pontos percentuais, será preciso flexibilizar a política fiscal e cambial. Também precisamos de um câmbio mais competitivo e de condições para a autonomia de políticas econômicas. É imprescindível que se tenha controle de capitais. A questão fundamental não é somente mirar o processo de estabilização de preços, ou seja, controlar a dinâmica inflacionária, mas entender essa dinâmica e a dinâmica de crescimento sustentável como inclusão social. Nesse particular, a questão são as metas de crescimento ao invés de metas de inflação.

IHU On-Line - A política cambial praticada permite um crescimento econômico sustentável?

Fernando Ferrari - Eu diria que não. Os resultados estão mostrando isso. Essa política econômica está sendo implementada desde 1999, com suas metas de inflação, metas de superávit fiscal e flexibilidade cambial com abertura da conta capital e financeira. Os resultados sob a ótica de crescimento econômico são muito tímidos. Nós temos um crescimento médio entre 1999 e 2006 de 2,5%. Se pegarmos somente o período do primeiro mandato de Lula, entre 2003 e 2006, supondo que o crescimento de 2006 seja de 3 pontos percentuais, teremos um crescimento médio nesse período de 2,7%. Um crescimento dessa magnitude, ou seja, extremamente baixo, e mais ainda, que ora cresce 4,9% e ora aumenta 0,5%, é o resultado de uma política econômica única e exclusivamente para controlar a dinâmica inflacionária.

IHU On-Line - A política monetária atual com relação à taxa de juros dará sustentação a uma maior taxa de expansão da economia?

Fernando Ferrari - De jeito nenhum. Pelo contrário. O Sistema Especial de Liquidação e de Custódia (Selic), descontada a taxa de inflação e uma taxa média real de juros de 10,5% ao ano, é extremamente proibitivo para que se tenham tomadas de decisões sob a ótica de consumo e de investimentos. Se a taxa de juros básica da economia é de 10,5% ao ano, naturalmente as taxas de juros voltadas especificamente para a dinâmica de consumo e investimento são proibitivas para o crescimento da economia sob essa ótica. Em síntese, eu diria que a taxa de juros real, extremamente elevada, tem o objetivo de controlar a dinâmica inflacionária e um efeito transmissor sobre a taxa de câmbio. Uma taxa de juros elevada afeta negativamente o comportamento do câmbio. Não é à toa que, ao longo dos últimos três anos, se tem uma tendência de apreciação do real ante o dólar. Taxa de juros elevada real, ou seja, descontada a inflação, causa controle do processo inflacionário e apreciação do câmbio. Mas não tem nenhum impacto positivo sobre a dinâmica produtiva.

IHU On-Line - Que ajuste fiscal é necessário para permitir crescimento econômico com estabilização? É necessário corte de gastos públicos ou reforma tributária? Em caso de cortes, em que setores deveria haver enxugamento?

Fernando Ferrari - A questão fundamental é a reforma tributária, ou seja, cortar gastos de custeio, de infraestrutura e gastos relacionados a programas sociais. Isso só tende, no meu ponto de vista, a agravar ainda mais a situação da ortodoxia fiscal e, portanto, não cria condições para que tenhamos um crescimento econômico mais substancial. A questão sob a ótica de ajuste fiscal está relacionada fundamentalmente à racionalização da carga tributária. A conjugação da taxa de juros elevada,

com a carga tributária elevada e o câmbio apreciado, é uma combinação extremamente perniciosa para que tenhamos capacidade de crescimento sustentável, alicerçado em investimento, ao longo do tempo. Então, se tivermos uma dinâmica de crescimento um pouco mais alentadora, a política fiscal teria de ser pró-atividade econômica. Quer dizer, a política fiscal volta para a dinâmica de investimentos públicos complementares ao setor produtivo, com expansão dos programas sociais e a racionalização de gastos que sejam supérfluos ou passíveis de gestão. Se a preposição que está hoje em discussão atingisse, nos próximos três anos, o déficit nominal zero, agravaria ainda mais a situação de crescimento da economia. Porque a busca a todo custo do déficit nominal zero tende a tornar a política fiscal mais passiva na dinâmica econômica. Portanto, com certeza, os investimentos públicos, no que diz respeito a programas sociais e de infra-estrutura, serão postergados em decisões futuras.

IHU On-Line - Qual a atualidade de Keynes para o pensamento econômico brasileiro? Quais os limites e as possibilidades da retomada do pensamento de Keynes hoje no Brasil?

Fernando Ferrari - A política keynesiana não é uma política de proposição em que se substitua a economia de mercado por uma economia planificada. Muito pelo contrário. As proposições de políticas econômicas keynesianas têm uma simbiose, uma sinergia entre Estado e mercado. As políticas de cunho keynesiano, que sejam de natureza fiscal ou monetária e cambial, são políticas que tendem a assegurar a estabilização monetária com o emprego. No mundo cada vez mais caracterizado pela financeirização do capital e não pela dinâmica produtiva, sob a ótica comercial expansionista, eu diria que as políticas keynesianas são essenciais para que se tenha a capacidade de atingir o pleno emprego. Precisamos entender que é necessário ter instrumentos

de controle de capital, principalmente contra a entrada e saída de capitais especulativos, para que se possa assegurar e resgatar a autonomia da política econômica.

IHU On-Line - A política econômica no segundo mandato Lula mudará? A "era Palocci" terminou? O que seria a "nova" era?

Fernando Ferrari - Não acredito em mudança. Eu diria que não. Essa discussão recente para mim é mais uma questão de aparência do que de essência. É uma discussão meramente adjetiva e não tão substantiva. Por que isso? O governo Lula foi eleito com a preocupação do controle inflacionário. A política econômica foi alicerçada no primeiro mandato para assegurar a estabilização monetária ou fazer a redução inflacionária ser observada de forma abrupta, como se manifestou entre 2003 para 2004? Na medida em que a política econômica é alicerçada em metas superavitárias, metas de inflação e abertura da conta capital e financeira com flexibilidade cambial, essa política econômica agrada de forma significativa todo o mercado. Acho muito pouco provável que ocorra uma mudança, mesmo que marginal, nessa política econômica. Caso aconteça uma perspectiva de mudança na condução da política econômica, sem dúvida alguma, o mercado ficará cético com relação a essa nova conduta. A condução da política econômica de Lula no segundo mandato deverá ser muito semelhante à implementada entre 2003 e 2006.

IHU On-Line - E no Rio Grande do Sul, podemos esperar alguma mudança na área econômica no novo governo de Yeda Crusius?

Fernando Ferrari - É pouco provável haver alguma mudança. Os estados têm graus de liberdade pouco significativos. Pelo contrário, inexistente liberdade para a mudança econômica. Seja porque a política fiscal, monetária e cambial são determinadas pelo governo federal, seja porque a economia do Rio Grande do Sul

tem um desequilíbrio fiscal crônico e um encargo grande de repasse de pagamentos da dívida em função da securitização da dívida pública federal e da dívida pública estadual no governo Fernando Henrique Cardoso. Não vai ser com choque de gestão e racionalização de gastos de custeio, investimentos e de programas sociais que se vai conseguir reverter a atual crise do Estado. Essa crise, nos últimos anos, foi recrudescida, seja porque em alguns anos ocorreu a estiagem, seja porque a taxa de câmbio, principalmente nos últimos três anos,

vem prejudicando setores dependentes de subsídios cambiais. Tal qual o setor moveleiro, de agronegócios e coureiro-calçadista. O jeito “novo de governar”, alicerçado fundamentalmente em choque de gestão e racionalização do gasto público, não cria condições de uma trajetória de crescimento sustentável do Rio Grande do Sul. O Estado depende de políticas nacionais, da bonança do mercado externo e da realidade de câmbio mais propícia.

Artigo da Semana

Retratos da vida no Globo Repórter

POR FLÁVIA SELIGMAN E VALÉRIO CRUZ BRITTOS

“Pensando o Globo Repórter - Do documentário à reportagem” foi o tema de uma mesa-redonda realizada no último mês de agosto, em Porto Alegre, com Valério Cruz Brittos e Flávia Seligman, da Unisinos, e João Guilherme Barone Reis e Silva e Virgínia Fonseca, da UFRGS. Os professores Valério e Flávia, do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, elaboraram um artigo sobre o tema a pedido da IHU On-Line, o qual publicamos a seguir. Flávia é doutora em Artes-Cinema pela USP e Valério Brittos é doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. O artigo foi originalmente publicado nas Notícias Diárias do Instituto Humanitas Unisinos no dia 10-11-2006.

Quem não viveu os anos 1970 não lembra e, portanto, terá dificuldade de imaginar, mas o Globo Repórter já foi bem diferente do que é hoje. Destoando da programação televisiva de puro entretenimento associada a um jornalismo engessado pela censura, o Globo Repórter de então vasculhava nas entranhas do país e transmitia, em rede nacional, um Brasil com fome, pobre, feio e triste. Uma nação que a TV e, principalmente a maior delas, a Globo, na época tentava esconder.

Tais elementos estão muito claros em vários programas da série, especialmente no documentário Retrato de Classe, episódio do programa Globo Repórter exibido em 1977, que faz parte de um capítulo especial na história da televisão brasileira e é um dos raros momentos em que ela agiu em parceria com o cinema. Retrato de Classe, episódio dirigido pelo jornalista e cineasta Gregório Bacic, levou nove meses para ficar pronto. Foi feito com uma dedicação cuidadosa que cerca de 30 anos

depois ainda lhe confere um caráter de atual e moderno. Um processo, portanto, inimaginável nos dias de hoje, quando a lógica industrial está cada vez mais presente no fazer TV, incluindo o Globo Repórter, é claro.

O programa Globo Repórter estreou oficialmente em 1973, fruto de uma experiência bem sucedida, o Globo Shell Especial, também destinado ao documentário, mas de caráter mensal. Foi criado como um espaço privilegiado, contando com cineastas engajados, alguns provenientes do Cinema Novo. Nomes, como os dos diretores Eduardo Coutinho, Walter Lima Jr., Maurice Capovilla, João Batista de Andrade e Geraldo Sarno, além do fotógrafo Dib Luft, trouxeram para a televisão a estética e a temática do questionamento e da transparência, que, naquele momento de ditadura militar, não era vista mais nem no cinema.

No caso do episódio Retrato de Classe, baseado em uma foto da classe ginásial de uma escola particular, num bairro de classe média de São Paulo, Bacic foi buscando e reunindo ex-colegas e uma professora, para, ao recriar as trajetórias do grupo, desenhar o perfil da burguesia metropolitana do País. Um país em crise e uma classe média que estava vivendo a derrocada do milagre econômico. Frustrações, desejos inalcançados, preconceito e futilidade fazem parte deste universo de pessoas que poderiam ter alçado vôos bem mais altos e não o fizeram.

Alguns depoimentos transitam entre o cômico e o trágico, como o da dona de casa que afirma que seu maior problema é a “sala de janta”, uma mobília antiga que não combina com o resto da decoração. Bem vestida, dona de um belo apartamento e de um sítio, esta senhora repete várias vezes a palavra problema

pronunciando “poblema”, fato deixado ali estrategicamente pelo diretor. No final do depoimento, assiste-se à constrangedora entrada em cena do marido da entrevistada, que diz que gostaria de ter feito muitas outras coisas na vida, como estudar e viajar, mas que, presa pelo casamento, acabou deixando de lado.

Outro depoimento triste que sublinha a mediocridade e o atraso da classe média paulistana é de um rapaz que, por jogar bem futebol, fora convidado para fazê-lo profissionalmente num time francês. Na véspera do embarque, o pai, um industrial, não permitiu a viagem, para que o filho pudesse seguir, cuidando dos negócios da família. Num segundo momento, este mesmo depoente apresenta a mulher grávida, em estado avançado, e discute com ela que faz questão que seja um menino (naquela época não se faziam ecografias reveladoras do sexo do bebê, já nos primeiros meses) para que possa trabalhar com ele na indústria, a mesma que frustrou seu sonho de jogar futebol na Europa.

O Globo Repórter de quase toda a década de 1970, portanto, diferenciava-se não só do conteúdo televisual da época, mas mesmo do de hoje, quando a aceleração da disputa entre os operadores televisivos, própria da Fase da Multiplicidade da Oferta, tem provocado estratégias de captação do público baseadas na popularização e demais elementos de fácil identificação do receptor.

Com isso, o Globo Repórter, por exemplo, tem sido cada vez mais um espaço para reportagens especiais de bichinhos, natureza e saúde, ainda que classes e vidas continuem a demandar retratos de suas existências, conflitos e anseios.

Terra Habitável

A editoria Terra habitável reproduz, nesta semana, informações do sítio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) sobre o Brasil. O assunto de maior relevância foi o problema da escassez de água. Para conferir na íntegra, tudo foi publicado nas Notícias Diárias da página do IHU no dia 10 de novembro.

Falta de esgoto mata 1 criança a cada 19 segundos

A falta de acesso à água e ao saneamento mata uma criança a cada 19 segundos, em decorrência de diarreia, afirma o Relatório de Desenvolvimento Humano 2006. O estudo, intitulado “Além da escassez, poder, pobreza e a crise mundial da água”, também

mostra que, no ritmo atual, o mundo não conseguirá cumprir a meta dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio que prevê reduzir pela metade, até 2015, a proporção de pessoas que não desfrutam desses recursos.

Estudo mostra situação dos serviços de água no Brasil

O estudo, que esquadrinha a situação dos serviços de água e saneamento em 177 países e analisa o impacto do setor em outros indicadores sociais, aponta projetos brasileiros como exemplos de boas práticas. Entre os

destaques estão o sistema de abastecimento de água de Porto Alegre, a estrutura de coleta de esgoto condominial de Brasília e a elaboração do plano de recursos hídricos no Estado do Ceará.

Poluição, o recorde chinês

China conquistará até 2009 o primado nas emissões de gás carbônico. O anúncio foi feito pela Agência Internacional de Tecnologia (AIE). A ultrapassagem chinesa chegará com 10 anos de antecipação com respeito às previsões precedentes. A AIE elenca as

conseqüências: “Graves deficiências nos fornecimentos energéticos”, um “choque sobre os preços” e, enfim, “amplificação na mudança climática global”.

Brasil melhora IDH, mas cai no ranking

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil melhorou entre 2003 e 2004, mas o país recuou uma posição no ranking mundial de desenvolvimento humano – caiu de 68º para 69º numa lista de 177 países

e territórios, aponta o Relatório de Desenvolvimento Humano 2006, divulgado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento).

Mudanças climáticas e os pobres no mundo

As mudanças climáticas afetam cada vez mais os pobres no mundo. O continente mais afetado será a África, onde a desertificação continua a avançar. As Nações Unidas calculam que há 135 milhões de

potenciais prófugos ambientais e 3,4 bilhões de pessoas vivem em áreas expostas a um risco ambiental significativo.

Destaques On-Line

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS PRODUZIDAS PELO SITE DO IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Aqui, apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas, na íntegra, nas Notícias Diárias do sítio, na data correspondente.

Título: A junção da fé com a razão e da ciência com a religião

Entrevistado: Evaristo Eduardo de Miranda

Entrevista: Apaixonado pela África e pelo resgate dos estudos da biodiversidade mundial, mas principalmente brasileira, o ecólogo Evaristo Eduardo de Miranda concedeu uma interessante e intrigante entrevista à *IHU On-Line*. Evaristo Eduardo de Miranda é chefe geral da Embrapa Monitoramento por Satélite. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 11-11-2006.

Título: A multidão, o mal e as instituições do futuro

Entrevistado: Paolo Virno

Entrevista: Reproduzimos uma entrevista com Paolo Virno. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 8-11-2006.

Título: A multidão, o mal e as instituições do futuro

Entrevistado: Paolo Virno

Entrevista: Reproduzimos uma entrevista com Paolo Virno. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 8-11-2006.

Título: Aparecida. Uma assembléia "com Espírito"

Entrevistado: Jon Sobrino

Entrevista: Em maio de 2007 realiza-se em Aparecida, a V Assembléia Geral da Conferência Episcopal Latino-Americana. Jon Sobrino, jesuíta, teólogo salvadoreño, em carta a Ignacio Ellacuría, expressa o que espera deste evento. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 10-11-2006.

Frases da semana

Mídia e eleição

“Se tem uma coisa que ficou nítida nessa eleição é que neste país existe mais povo que formador de opinião” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 7-11-2006.

“Disse Santo Inácio de Loyola: “Temos de nos sujeitar à Igreja Católica de tal forma que se algo for por ela definido como preto, haveremos de dizer ser preto mesmo no caso de parecer branco aos nossos olhos”. Receio que inúmeros jornalistas brasileiros sejam fiéis de Santo Inácio. Se seus patrões decretarem que algo é preto, assim repetirão embora o enxerguem branco” - blog do *Mino Carta*, 6-11-2006.

“Não há o menor sentido nesse carnaval em torno do fato de dois telefones da “Folha” terem ido parar no inquérito da compra do dossiê. Está claríssimo, para qualquer leitor inteligente, que entraram exclusivamente devido ao fato de constarem no telefone de um dos suspeitos” - **Luis Nassif**, jornalista, no seu blog, 11-11-2006.

Gerdau e Delfim

“Eu adoraria ver o Gerdau, que produziu um império, ir para o governo e aumentar a produtividade do governo. Em qualquer lugar, nem que fosse para rezar uma missa na catedral, toda semana, tentando comover o Congresso a cortar despesas” - **Delfim Netto**, deputado federal - PMDB/SP - *O Globo*, 8-11-2006.

O modelo Lula. Todos somos companheiros

“O que eu quero é que o pobre vá para a classe média, que a classe média suba mais um pouco e que o rico

ganhe mais dinheiro para produzir riqueza” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - blog do *Mino Carta*, 7-11-2006.

“Eu posso olhar no olho do Roberto Setúbal e chamar ele de companheiro. E receber no Palácio um morador de rua e chamar ele de companheiro” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República, dirigindo-se ao presidente do Banco Itaú, Roberto Setúbal - blog do *Mino Carta*, 7-11-2006.

O governo Lula está tentando praticar a justiça social, ao distribuir dinheiro do governo. Mas não é um programa que muda a estrutura social. Alivia a pobreza, mas não cria grandes mudanças na estrutura. É uma contradição, porque o PT sempre pregou mudanças profundas. Na macroeconomia é um governo conservador” - **Kenneth Serbin**, brasileiro, autor do livro *Diálogos na Sombra* (2001) e que lança o livro *Gritos do Coração: uma História Social e Cultural do Clero e dos Seminários brasileiros* - *Folha de S. Paulo*, 12-11-2006.

“Lula é o presidente dos marginalizados, mas também o dos grandes banqueiros. Não ameaça o sistema. Quer melhorar o sistema, mas não mudá-lo. Ele fez a reforma da Previdência, fez coisas positivas, tudo para aprimorar o capitalismo. Ele próprio declarou que nunca foi de esquerda. Lula é pragmático. Tem flexibilidade, sabe pegar a onda política. Não vai ameaçar o sistema” - **Kenneth Serbin**, brasileiro - *Folha de S. Paulo*, 12-11-2006.

Mudança climática

“Não se trata mais de saber se as alterações climáticas

se produzem, mas sim de saber se nós seremos capazes de mudar para enfrentar essa emergência” - **Kofi Annan**, secretário-geral da ONU - *Folha de S. Paulo*, 9-11-2006.

“Um novo, mais poderoso e mais perigoso inimigo destrói a Amazônia: a soja” - anúncio de página inteira do Greenpeace no jornal suíço *Le Matin Bleu* - *O Globo*, 10-11-2006.

“O planeta tem um enorme desafio diante de si, que não tem precedentes na história humana. As implicações econômicas e sociais, além das ambientais, serão enormes, e relatórios recentes apontam a possibilidade de efeitos muito danosos para a economia mundial, em particular para a dos países em desenvolvimento” - **Paulo Artaxo**, professor no Instituto de Física da Universidade de São Paulo e especialista em química atmosférica - *Folha de S. Paulo*, 12-11-2006.

FHC e Lula

“Eu não posso competir com o Lula. Eu não sou espetacular. Foi por isso que eu inventei o real” - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente do Brasil - blog de *Josias de Souza* - 10-11-2006.

“O Lula é a sua própria proposta de governo. O eleitorado sente isso. Ele representa a mobilidade

social. Mas eu não sou nada disso” - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente do Brasil - blog de *Josias de Souza* - 10-11-2006.

“Confesso que minha preferência pessoal sempre foi a de ver o PT aprofundar-se na sociedade, mediante o exercício diferenciado do poder local, por um longo tempo, antes de ganhar o poder em escala nacional. Mas a dinâmica político-partidária não se amolda a esses propósitos edificantes. É impossível, no entanto, não ficar abalado pelo modo pífio como um governo, cujo presidente trazia das urnas legitimidade sem precedente, caiu em armadilhas primárias” - **Gabriel Cohn**, presidente da ANPOCS - *Valor*, 10-11-2006.

Marxismo e liberalismo. Uma convergência no fim “Acho que há verdade entre os que apontam uma convergência entre o marxismo e o liberalismo. Uma convergência no fim. Não será, contudo, um processo seco, como os liberais pensam: que eles sozinhos farão o percurso para o paraíso, embora deixando atrás de si uma devastação. Mas acho que compartilhamos uma utopia de fim de Estado” - **Luiz Werneck Vianna**, sociólogo - *Valor*, 10-11-2006.

Filme da semana

Volver, de Pedro Almodóvar

O FILME A SEGUIR FOI VISTO E APRECIADO POR UM COLEGA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS (IHU).

Nome original: Volver

Cor filmagem: Colorida

Origem: Espanha

Ano produção: 2006

Gênero: Comédia - Drama

Duração: 121 min

Classificação: livre

Direção: Pedro Almodóvar

Elenco: Penélope Cruz, Carmen Maura

Sinopse: Raimunda (Penélope Cruz) é uma faxineira sacrificada, mãe de uma adolescente (Yohanna Cobo). Uma tragédia familiar leva Raimunda a um reencontro com suas raízes, em sua aldeia, onde lhe dizem que o fantasma de sua mãe (Carmem Maura) é visita constante de sua tia (Chus Lampreave). O acaso leva a faxineira a tornar-se dona de restaurante e viver uma nova fase em sua vida.

Reproduzimos a crítica de Neusa Barbosa sobre o filme Volver publicada originalmente no sítio CineWeb em 6-11-2006.

Em seu 16º filme, o cineasta espanhol Pedro Almodóvar volta às mulheres, distanciando-se do universo eminentemente masculino de seu último filme, **Má Educação**. E também, assumidamente, retorna às raízes, à aldeia, à infância, à lembrança de sua mãe, a Penélope Cruz (que fez com ele antes **Tudo sobre Minha Mãe**) e, mais espetacularmente ainda, a Carmem Maura. Atriz e diretor fizeram juntos vários de seus filmes de começo de carreira, inclusive o sucesso que definiu a virada no conceito internacional de Almodóvar, **Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos**(1988). Depois brigaram, por

motivos que nenhum dos dois se dispõe a esclarecer, até esta bem-vinda reconciliação.

Almodóvar volta também a revelar as influências de outros diretores que marcaram seu cinema. Em **Volver**, com predomínio absoluto do cinema italiano. A personagem de Penelope Cruz, Raimunda, é assumidamente inspirada em Sophia Loren, tanto no seu visual (o penteado e o figurino), quanto na personalidade elétrica, ativa, esfuziante e sexy. Centro da energia do esplêndido filme, Penélope, aliás, transfigura-se, até fisicamente sob a direção de Almodóvar. Nos muitos

filmes de Hollywood que tem feito, ela aparece magra, pálida, sem viço. Parece mesmo desprovida de qualquer talento nesses limitados papéis norte-americanos. Em *Volver*, ao contrário, ela é uma leoa. Transborda exuberância em todos os sentidos. Parece ter uma persona que só o espanhol parece ter o poder de fazer desabrochar.

A outra referência ao cinema italiano é uma breve cena de *Belíssima*, de Visconti. É uma declaração de amor de Almodóvar tanto por Visconti quanto por Anna Magnani - que ele afirmou em entrevistas ser seu modelo de maternidade. O argumento central de *Belíssima* sinaliza um tema polêmico que está no cerne do drama de *Volver* - o abuso sexual de pais contra filhas. Há mais de uma situação nesse sentido envolvendo as personagens da família central - duas irmãs (Penélope Cruz e Lola Dueñas), a filha de uma delas (a jovem revelação Yohana

Cobo) e sua mãe Irene (Carmem Maura) que, morta, volta para cuidar de problemas não só delas quanto de sua própria irmã (Chus Lampreave) e uma grande amiga da família (Blanca Portillo).

Em torno deste admirável sexteto feminino - que dividiu com justiça o prêmio de melhor atriz no Festival de Cannes 2006 - , Almodóvar constrói um verdadeiro altar para que suas ótimas atrizes brilhem, ofuscando de muito os raros homens do elenco, todos em pequenos e desimportantes papéis. Os homens são meros figurantes nesta saga de luta, paixão, acertos de contas e perdão que se processa entre várias gerações.

Almodóvar acerta mais uma vez em cheio no coração feminino, com toda a complexidade e riqueza dos matizes das personalidades das mulheres, compreendendo-as sem julgá-las nem estereotipá-las.

Homens são adereços

“A mais notória característica do cinema de Pedro Almodóvar é a sua relação confessional com o universo feminino. Mas a obra do espanhol pode ser vista também como a negação do mundo dos homens. Há uma cena em *Volver* (2006) - seu retorno às raízes depois de um raro trabalho masculino, *Má Educação* (2004) - que sintetiza formidavelmente essa idéia”, comenta Marcelo Hessel, 9-11-2006, no sítio http://www.omelete.com.br/cinema/artigos/base_para_artigos.asp?artigo=3335

Segundo ele, “pode ser reflexo da sua própria vida ou reação aos machismos arraigados da cultura hispânica - o fato é que Almodóvar cria em *Volver* uma redoma para acolher as suas mulheres. A grande graça de seu trabalho como cineasta é a maneira como ele expõe as fraquezas e as forças dessas mulheres, sem

paternalismo, e como elas resolvem conflitos entre si, num mundo à parte da guerra dos sexos”.

“Há outros homens em *Volver*, constata Marcelo Hessel, mas são como adereços, MacGuffins - servem mais para tocar a trama adiante do que para exprimir o que há realmente de pertinente na história. Sole é separada, ficamos sabendo, mas seu marido nunca aparece na tela. O pai da família também não é mostrado. O marido de Raimunda não demora a sumir. O enterro de cadáveres masculinos no filme são como alegorias: livrar-se das amarras do sexo oposto é o caminho que cabe a elas para se encontrarem como mulheres.”

O comentarista conclui:

“Depois de excursionar por metalinguagens e devaneios de realidade e ficção em *Fale com Ela* e *Má Educação*,

Almodóvar retorna à narrativa tradicional com *Volver*. Isso quer dizer que o filme tem começo, meio e fim, sem atalhos ou contornos, mas não significa que é vazio de significados ou interpretações. Pelo contrário, cada entrelinha, cada escolha de perspectiva - e cada tomada que Almodóvar faz da volúpia decotada de Penélope Cruz - tem um motivo. É um filme de interiorização. Seja enquadrando suas musas com o olhar de um perverso ou tratando-as como uma avó com um prato de sopa na mão, ele as entende cada dia melhor.”

A morte, sempre presente

A morte é um dos temas centrais de “*Volver*”. Uma morte que se assume com enorme naturalidade, que se espera e, inclusive, se aspira, a julgar pelo esmero e cuidado com que muitos no povoado cuidam do seu túmulo.

“Agora olho a morte com menos estranheza”, afirma Pedro Almodóvar. “Não entendo este ciclo, e “*Volver*” não fez com que eu o entenda melhor, mas a olho de modo mais natural, com mais serenidade do que há um atrás”.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Eventos

Coronelismo, enxada e voto, de Vitor Nunes Leal

V CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL: INTÉRPRETES DO BRASIL - ESTADO E SOCIEDADE

Em debate nesta terça-feira, 14-11-2006, estará a obra de Vitor Nunes Leal, Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, dentro das atividades do V Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil - Estado e Sociedade. A vice-reitora da Universidade de Passo Fundo (UPF), Prof.^a Dr.^a Eliane Colussi, é a conferencista. Por e-mail, ela adiantou alguns dos aspectos que abordará.

Colussi é historiadora graduada pela UPF e especialista em História do Brasil pela mesma instituição. cursou mestrado e doutorado em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Sua tese intitula-se Plantando Ramas de Acácia: a maçonaria gaúcha no século XIX. É autora das obras Estado novo e municipalismo gaúcho. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo - Ediuopf, 1996 e A Maçonaria gaúcha no século XIX. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2003.

O coronelismo como componente fundamental do sistema político brasileiro

ENTREVISTA COM ELIANE COLUSSI

IHU On-Line - Qual a relação entre coronelismo, enxada e voto como expressa o título da obra de Victor Nunes Leal?

Eliane Colussi - A relação parte da construção do modelo interpretativo do autor que sustenta que o coronelismo é um componente fundamental do sistema político brasileiro, especialmente no período da República Velha (1889-1930). No referido sistema, sobressai a figura do líder político local/municipal, o coronel, que controla a política local. A sua força política

é originada tanto do seu poder econômico, do seu carisma e do uso da violência como forma de controlar o eleitorado. Essa figura política tinha como locus o município, especialmente aqueles contextualizados no mundo rural brasileiro. É importante que se destaque que no período em questão, a maior parte da população brasileira concentrava-se no mundo rural, portanto, o eleitorado brasileiro era predominantemente formado por pequenos agricultores, agregados, arrendatários e empregados da oligarquia rural e do coronel.

Como se relaciona a política dos governadores com o coronelismo

Foi Victor Nunes Leal o precursor dos estudos sobre o coronelismo e o papel do município na construção do regime representativo brasileiro. A sua principal contribuição foi a de estabelecer uma relação íntima entre os diferentes níveis ou espaços da política brasileira na República Velha. Em primeiro lugar, as relações coronelistas se desenvolviam no âmbito municipal e regional. Neste espaço bem definido geográfica e politicamente, a reciprocidade coronelista e a troca de favores se davam entre o coronel e sua clientela, isto é, as populações locais, formadas por indivíduos quase sempre com status inferiores e dependentes economicamente e culturalmente. Contudo, para que o coronel tivesse o poder local legitimado e pudesse contar com a fidelidade de seus clientes, era necessário que ele disponibilizasse favores, quase sempre fazendo às vezes do estado. Quem possibilitava a força dos coronéis eram os acordos políticos no âmbito estadual e nacional, com autoridades/lideranças políticas mais fortes e que atuavam na esfera do estado e do poder nos governos estaduais e federal. A maior expressão desses acordos era o apoio dos coronéis municipais aos candidatos das suas oligarquias estaduais que referendavam ou não por meio dos votos a política dos governadores.

***IHU On-Line* - Qual é o contexto a que se refere essa obra?**

Eliane Colussi - O contexto é o da República Velha (1889-1930) ou o período em que o poder político esteve, predominantemente, nas mãos da oligarquia rural brasileira. Nesse período, o Brasil ainda dependia da economia agro-exportadora, porém já se processavam um conjunto de transformações que culminariam na modernização urbano-industrial. Contudo, muitas das

práticas políticas tradicionais e originadas no período colonial e imperial brasileiro eram fortes: o privatismo, isto é, a força do privatismo, do mandonismo local e do predomínio do mundo rural sobre o urbano.

Em linhas gerais, como se caracteriza o coronelismo

O município é o baluarte do coronelismo. É nesse espaço que as relações e práticas políticas se estruturam e consolidam o mandonismo local na figura do coronel. O seu poder se estende por populações rurais de níveis socioeconômicos desde coronéis com menor influência até as populações mais pobres. Para Victor Nunes Leal, o coronelismo é o principal traço do regime republicano, sendo um sistema político baseado no compromisso entre o poder público e o poder privado, que tem como base de sustentação econômica a estrutura agro-exportadora em processo de decadência. Nesta perspectiva, o poder político do coronel não é reduzido apenas a sua influência econômica. O coronelismo é um sistema político composto por uma complexa rede de relações que vai desde o coronel e que chega até o presidente da república, envolvendo compromissos recíprocos. É interessante destacar que as relações entre os coronéis não eram pacíficas. Em muitas cidades e regiões ocorreram disputas que colocavam famílias rivais em lutas violentas pelo poder local por décadas e gerações

***IHU On-Line* - Ainda existe essa prática na sociedade brasileira? O coronelismo é uma prática que se demonstra mais em âmbito municipal, estadual ou nacional?**

Eliane Colussi - O coronelismo, como sistema político, estabeleceu-se e ganhou força, constituindo-se numa modalidade em que o poder privado, mesmo em declínio, obtinha dos governos estadual e federal legitimidade política. Em síntese, uma espécie de “transigência mútua” do poder público em favor do privado. O processo de enfraquecimento do sistema foi perdendo

força na mesma proporção que o Brasil foi se urbanizando e que o estado foi se fortalecendo e se interiorizando. Mesmo assim, como aspecto de *permanência* política, a tradição do mandonismo local ficou preservada em pontos isolados especialmente em regiões mais afastadas. José Murilo de Carvalho argumenta no sentido de que a urbanização e a modernização industrial por si só não exerceram uma influência decisiva sobre os modelos tradicionais de comportamento político. Assim, entende-se a existência de resquícios de práticas políticas coronelistas e clientelistas no Brasil contemporâneo. Exemplos aparecem em períodos eleitorais: compra de votos, violência, fraudes, etc.

IHU On-Line - O coronelismo é uma deficiência das democracias representativas? Por quê?

Eliane Colussi - Victor Nunes Leal argumenta que o coronelismo é um fenômeno remanescente do *posse* forma do poder privado superposto às formas desenvolvidos do regime representativo. Eu não afirmaria que o sistema coronelista é uma deficiência, e sim que é uma particularidade do sistema político brasileiro. A história de como, por exemplo, a existência de uma sociedade fortemente agrária, a manutenção de uma hierarquização social com grandes diferenças entre as classes sociais, a dominação política pelo uso da coerção, violência ou cooptação política, a fragilidade da democracia e da cidadania.

Capitania d'el-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense

I CICLO DE ESTUDOS SOBRE A FORMAÇÃO SOCIAL SUL RIO-GRANDENSE: A LEITURA DE SEUS INTÉRPRETES

O livro Capitania d'el-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1970, de Moysés Vellinho. Essa é a obra em análise no I Ciclo de Estudos sobre a formação social Sul Rio-Grandense: a leitura de seus intérpretes, marcada para esta quinta-feira, dia 16-11-2006, na sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. O palestrante é o historiador gaúcho Mário Maestri, da Universidade de Passo Fundo (UPF). Sobre o tema, confira a entrevista que segue, concedida por e-mail.

Maestri é graduado, mestre, doutor e pós-doutor em Ciências Históricas pela Université Catholique de Louvain, em Louvain La Newe, na Bélgica. É co-autor, ao lado de Robert Ponge, de Desse pão eu não como! Portugal: Zonanon, 2003. Maestri apresentou o livro Sobrados e mucambos, de Gilberto Freyre, na programação do II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido dia 15-04-2004, pelo Instituto Humanitas Unisinos. Sua palestra originou o artigo publicado no Cadernos IHU número 6, de 2004, intitulado Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações. No mesmo dia 15-04-2006, o professor conduziu o tema A casa das sete mulheres: literatura, história e trivialidade no evento IHU Idéias. Sobre ele, o professor concedeu à IHU On-Line uma entrevista, que publicamos na edição número 96, de 12-04-2004. O evento também rendeu a publicação, em 2004, do número 17 de Cadernos IHU Idéias, intitulado As sete mulheres e as negras sem rosto. Os dois textos estão disponíveis no site www.unisinos.br/ihu. No III Ciclo de Estudos sobre o Brasil, em 28-04-2005, Maestri falou sobre o livro O escravismo colonial, de Jacob Gorender. A respeito do tema, concedeu uma entrevista à IHU On-Line, edição 138, de 25-04-2005. Todas as contribuições de Maestri estão disponíveis para download na página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu.

IHU On-Line - Como a obra Capitania d'El-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense, de Moysés Vellinho, ajuda a contar a história da formação social sul rio-grandense?

Mário Maestri - Sem jamais se transformar em um grande protagonista, Moyses Velhinho (1901-1980)

emergiu na política regional e nacional no contexto da chamada Revolução de 1930, na esteira da proposta de superação da ordem federalista e de construção autoritária de um forte Estado nacional brasileiro. Porém, foi como crítico literário e, sobretudo, como

historiador, que desempenhou, por longas décadas, importante papel político, cultural e ideológico no Rio Grande do Sul. Moysés Vellinho destacou-se, sobretudo, como ensaísta e por dirigir, de 1945 a 1957, a célebre revista *Província de São Pedro*. Sua produção historiográfica propriamente dito não foi ampla, restringindo-se sobretudo a três livros, publicados, a partir da década de 1960, sempre pela prestigiosa livraria Globo, de Porto Alegre: *O Rio Grande e o Prata: contrastes* [1962]; *Capitania d'El Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense* [1964]; *Fronteiras* [1975]. Destaque-se que o IEL e a Corag acabam de lançar, na *Coleção Meridionais*, uma nova edição de *Capitania d'El Rei*.

IHU On-Line - E como historiador, qual a importância de Moysés Vellinho para nossa cultura?

Mario Maestri - A bem da verdade, Moysés Vellinho não pode ser caracterizado propriamente como historiador, na acepção plena do termo. Para ele, o uso e a seleção do dado documental eram e deviam ser regidos pelas necessidades da produção de visões do passado que consolidassem as propostas do presente que via como necessárias. Nesse sentido, foi sempre sobretudo um propagandista e ideólogo e jamais um cientista social. Com o passar dos anos, essa sua característica assumiu, em alguns casos, um nível mais do que paradoxal, verdadeiramente hilário. Por exemplo, em *Capitania d'El Rei*, registra seu descontentamento com o hiato entre sua descrição de Rafael Pinto Bandeira como herói pátrio magnífico, de garbo portentoso, e os poucos retratos que conhecemos do personagem, feito em sua época, que o apresentam como "cavaleiro gordo e canhestro" que "aos 50 anos" já necessitava de "banquinho para montar". Assim sendo, Vellinho "desafiou" os artistas plásticos a produzirem iconografia sobre o herói que se afaste da realidade e abrace o mito necessário! Enquanto ideólogo do Estado burguês

nacional-autoritário em construção, a grande tese de Vellinho foi a gênese do RS como parte do esforço civilizador excelente do Estado colonial lusitano no sul da América. Uma visão ideológica em contradição [secundária] com as visões de matriz liberal-pastoril que enfatizavam o caráter regional-platino do RS e [principal] com a necessidade do reconhecimento da importância no passado rio-grandense de um multifacetado mundo do trabalho, sempre marginalizado e espoliado.

IHU On-Line - Então, qual é a atualidade dessa obra para entendermos melhor o Rio Grande do Sul?

Mario Maestri - A produção historiográfica de Moysés Vellinho, reconhecidamente já sem valor científico, é de fundamental importância para conhecermos o processo de gênese, desenvolvimento e consolidação de interpretações míticas sobre a sociedade sulina, não raro, ainda dominantes. Formado nos anos 1930, Vellinho abraçou as teorias exóticas das raças superiores e, melhor do que qualquer outro autor, levou até os anos 1970, semimodernizadas, interpretações já dominantes na historiografia de fins do século 19, sobre a singularidade do Rio Grande, como região produto de um meio e de uma raça especiais. Em verdade, retomando interpretações desenvolvidas anteriormente por autores como Assis Brasil, Alcides Lima, Rubens de Barcellos, Salis Goulart, etc., Moysés Vellinho realizou uma verdadeira limpeza étnica do passado sulino, no que se refere à enorme contribuição do americano nativo e do trabalhador escravizado, apresentando o Rio Grande quase apenas como produto do esforço do lusitano e do luso-brasileiro. Em sua obra historiográfica de esboço das classes proprietárias, Vellinho praticamente não se refere ao trabalhador negro escravizado, apesar de contar, quando escrevia, com abundante informação documental sobre a indiscutível importância demográfica do africano e afro-descendente no Sul. Quanto ao nativo (guarani), apresenta-o como "raça irrecuperável em

franca regressão histórica", saudando literalmente sua extinção e massacre pelos paulistas! Sua historiografia é também profundamente misógina, praticamente não se referindo às mulheres no processo de nossa formação social.

IHU On-Line - De que modo visões como a de Moysés Vellinho permanecem ainda hoje em dia? Qual a importância da discussão de sua obra para os dias de hoje?

Mario Maestri - Entre os rio-grandenses, são ainda gerais as visões do RS como produto quase exclusivo do trabalhador livre, com destaque - no norte do Estado - para um imigrante alemão e italiano absolutamente mitificado. A fazenda pastoril do meridião do RS continua

sendo apresentada como base da construção de uma sociedade singular que teria desconhecido as contradições sociais, como as existentes entre o peão e o fazendeiro, entre o gaúcho e o proprietário, entre o escravizador e o produtor escravizado. O conhecimento e crítica científicas das raízes culturais mais próximas das atuais visões alienadas sobre o passado e o presente são instrumentos imprescindíveis para a construção de visão socialmente positiva sobre nossa sociedade. Um processo, temos que reconhecer, ainda muito limitado no Rio Grande do Sul. Se não, como podemos compreender que o arquivo histórico municipal de Porto Alegre tenha sido batizado e continue ainda levando o nome de um ideólogo, indiscutivelmente racista e elitista como Moysés Vellinho.

A crítica de Nietzsche à democracia

IHU IDÉIAS

Nesta quinta-feira, 16-10-2006, Márcia Rosane Junges, uma das jornalistas da revista IHU On-Line do Instituto Humanitas Unisinos - IHU conduz o IHU Idéias intitulado A crítica de Nietzsche à democracia. Na entrevista que segue, ela constata que a grande política de Nietzsche é paradoxal, pois, por um lado, aprofunda o niilismo passivo e ativo, inspirada no radicalismo aristocrático grego. Por outro lado, as idéias políticas desse filósofo oferecem a possibilidade de se pensar uma democracia radical através do agon, entendendo-a como um “jogo de antagonismos”, sem o “apagamento das diferenças”. As idéias discutidas surgiram da pesquisa realizada por Junges no mestrado em Filosofia, concluído em agosto de 2006 na Unisinos, com a defesa da dissertação Nietzsche contra a democracia: a grande política como tentativa de superação do niilismo, orientada pelo Prof. Dr. Álvaro Valls. Indicada para publicação, a dissertação está recebendo os devidos ajustes.

Jornalista graduada pela Unisinos, Junges é pós-graduada em Ciência Política pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) com a monografia As influências de Dostoiévski e Maquiavel no pensamento político de Nietzsche, sob orientação do Prof. Dr. Valério Rohden. Esse tema foi apresentado em 2003 no XV Encontro Nietzsche - Caminhos percorridos e terras incógnitas, promovido pelo Grupo de Estudos Nietzsche (GEN), ligado ao departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP). Na primeira edição da revista Controvérsia, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos, em 2005, publicou o artigo Deus e metafísica em Ockham e Nietzsche, apresentado no Colóquio Pensar Contra Nietzsche, do GEN, em 2005. Em 26-10-2006 Junges apresentou a comunicação A negação do sujeito participante: a grande política enquanto tentativa de superação do niilismo no Grupo de Trabalho Nietzsche, dentro da programação do XII Encontro Nacional de Filosofia da Anpof, em Salvador, Bahia. A edição 143 da IHU On-Line, de 30-05-2005, traçou o perfil de Junges no IHU Repórter, disponível para download na página do IHU, www.unisinos.br/ihu.

Democracia agonística e radicalismo aristocrático, paradoxo nietzschiano

ENTREVISTA COM MÁRCIA JUNGES

IHU On-Line - Qual é a principal crítica de Nietzsche à democracia e em que ela se fundamenta?

Márcia Junges - A principal crítica que Nietzsche remete à democracia liberal da segunda metade do século XIX está fundamentada em sua acusação ao cristianismo como promotor da igualdade entre as pessoas. A democracia, expressão da decadência e fraqueza da Modernidade, assim como o arrebanhamento do homem em seu projeto são, para Nietzsche, dois problemas que demonstram o debilitamento político a que a sociedade se encontrava submetida. Ele compreendia a democracia como secularização dos valores cristãos, como igualdade niveladora e um culto da piedade e da compaixão. As características cristãs teriam sido transpostas para o campo político, reproduzindo sua lógica de pensamento nas instituições sociais e no sujeito, resultando na desvalorização da política como arena de conflito, ao modo grego. No aforismo 202 de *Além de bem e mal*, Nietzsche sustenta que, “com o auxílio de uma religião que fazia a vontade dos mais sublimes apetites de animal-de-rebanho, e adulava-os, chegou ao ponto em que, mesmo nas instituições políticas e sociais, encontramos uma expressão cada vez mais visível dessa moral: o movimento *democrático* é o herdeiro do cristão”¹. A democracia liberal desemboca no niilismo passivo: “creio

¹ *Jenseits von Gut und Böse*, 1968, p. 126-7, 202, VI2. Nas citações de Nietzsche fazemos referência à edição Colli/Montinari das obras completas do filósofo: COLLI, Giorgio; MONTINARI, Mazzino (Org.). *Nietzsche Werke: Kritische Gesamtausgabe*. Berlin: Walter de Gruyter, 1967-2000. 8 v. (Nota da entrevistada)

que nos falta paixão política”², e sobre esse aspecto em específico devemos admitir que ele tem razão ao se referir tanto à sua época, quanto o teria se falasse a respeito da política de nossos dias no caso do Brasil, apática, ou, no máximo, reativa.

IHU On-Line - O que é a grande política? Qual é o papel do filósofo legislador nesse “programa”?

Márcia Junges - Nietzsche não nos oferece detalhes sobre como a grande política deveria ser conduzida. Podemos dizer que esse é o programa filosófico nietzschiano para fundamentar uma nova ordenação do mundo, passando primeiramente por uma revolução cultural. Não há, portanto, um projeto político nietzschiano, mas sim uma saída cultural que modificaria as estruturas da sociedade. Na verdade, o problema político tinha importância secundária nas idéias de Nietzsche. Isso porque o condutor da grande política, o além-do-homem, a quem o filósofo também se refere como aristocrata do espírito, novo filósofo e filósofo legislador, seria apenas indiretamente um líder político. Em primeiro plano, receberia destaque a elevação da cultura, que, como consequência, traria a modificação política. Compreendemos que a grande política é um dos expedientes que Nietzsche oferece para superar o niilismo passivo e o ativo (bem como do reativo, numa leitura vattimiana). Ele entrega o martelo ao além-do-homem, que, por meio do niilismo completo, destruirá as estruturas decadentes do mundo e em seu lugar erigirá a

² *Nachgelassene Fragmente*, 1974, p. 86, 2 (58), Herbst 1885 - Herbst 1886, VIII1. (Nota da entrevistada)

“nova humanidade”, de modo dionisiaco, trágico, no sentido grego da palavra.

IHU On-Line - Como essa grande política pode funcionar como “tentativa de superação do niilismo” se, conforme o próprio título de sua dissertação menciona, há uma negação do sujeito participante?

Márcia Junges - Em minha pesquisa, tentei refletir sobre o que restaria àqueles que não se enquadram no perfil do além-do-homem nietzschiano, tipo superior *espiritualmente*, conforme a interpretação de Oswaldo Giacóia¹, forte de vontade e apto a conduzir a humanidade para fora do caos. O último-homem, sujeito da pequena política, sinônimo da Modernidade e antagônico ao além-do-homem, incapaz de superar o peso da descoberta da morte de Deus e do niilismo como seu corolário, queda anêmico de vontade, apático, anulado como sujeito político e, portanto, como ator na sociedade da qual faz parte. Pensando na política atual, nossa sociedade está cheia de últimos-homens, sejam eles niilistas passivos ou ativos, conceitos que vou explicar em minha fala no IHU *Idéias*. Em *Assim falou Zaratustra*, o último-homem é a personificação do maior rebaixamento humano, cuja concepção de felicidade é uma mescla de sentimentos aburguesados, medindo seu sucesso de vida pelos bens que conseguiu reunir ao longo de sua existência. Ele é um fim em si mesmo, enquanto o além-do-homem é uma transcendência desse tipo decadente. O último-homem seria o receptáculo do desejo de fim, da grande piedade e do desgosto, gerando a vontade de nada, o niilismo. Nietzsche refere-se claramente a essa figura quando menciona quem é o alvo de seu desprezo na Modernidade. Entretanto, o último-

¹ Oswaldo Giacóia Junior: filósofo brasileiro, autor do Cadernos IHU *Idéias* n.º 20, intitulado *Sobre Técnica e Humanismo*. Concedeu a palestra *Foucault e a arqueologia da sociedade contemporânea*, durante o Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, no dia 24-06-2004. (Nota da *IHU On-Line*)

homem não é negado por Nietzsche - ele sabe que esse tipo continuará existindo, e o niilismo, como evento deflagrado pela morte de Deus, possibilita às pessoas escolherem se querem, ou não, fazer a travessia e tornarem-se além-do-homem.

Radicalismo aristocrático e niilismo político

Assim, procurei demonstrar que, ao oferecer a grande política como um dos expedientes para superar o niilismo, Nietzsche enreda-se em ambigüidades que fazem desse projeto tanto uma possibilidade de reconstrução do mundo pelo homem como sujeito central, quanto aprofundam o niilismo passivo e ativo, e no caso da minha dissertação, o niilismo político. Em primeiro lugar, porque o filósofo corretamente admite, através do recurso do eterno retorno interpretado em sentido ético, e não cosmológico, a existência *ad infinitum* do último homem e do niilismo que lhe é intrínseco. Em segundo lugar, porque a moral dos senhores e dos escravos pressupõe uma divisão hierárquica, ainda que seja *espiritual*, na qual cabe a uns mandar, e aos outros obedecer, o que gera apatia, inação, conformismo. Claro esteja que, quando se refere a essa divisão hierárquica, muitas vezes se tem a impressão de que Nietzsche tem em mente algo semelhante a uma casta, porquanto entendia o conceito de nobreza ao modo grego, como uma *areté* impossível de apagar ou ocultar, dada por nascimento. Na tradição grega, o homem nobre é aquele identificado com a possibilidade de domínio e governo das massas. A sabedoria vem da natureza do indivíduo, e se é aprendida, possui menor mérito. Traduzida em *areté*, é essa natureza especial que justifica sua primazia política. O indivíduo aristocrático tem valor em si e não necessita de legitimação social para valer como sujeito político. A ele cabe transvalorar os valores, baseado na idéia do eterno retorno e na vontade de potência, superando o niilismo.

No aforismo 260 de *Além de bem e mal*, o filósofo diz que a resposta à pergunta *O que a aristocracia ainda pode significar para nós, homens modernos?* está condicionada ao tempo em que é dada. Por isso sua concepção não quer um retorno nostálgico da aristocracia grega, mas sim uma aristocracia baseada na excelência realizável por meio dos filósofos legisladores, com influências gregas. George Brandes¹, um dos únicos intelectuais contemporâneos de Nietzsche a reconhecer o sismógrafo que o autor representava, chamou esse posicionamento de radicalismo aristocrático - termo que, em consonância com Bruce Detweiler², pensamos expressar bem o caráter político nietzschiano. Os pilares do radicalismo aristocrático são a moral e a justiça trágicas, ou agonais, baseadas num entendimento dionisíaco, de competição, na disputa entre as diferenças sem a sua eliminação, mas sim a sua convivência salutar porque separada. Nietzsche sabia que não era mais possível trazer de volta o modelo aristocrático grego, pelo que se fazia imprescindível a instituição da aristocracia como liderança legítima pelas virtudes, perpetrada pelo filósofo legislador, o aristocrata moderno. A escala hierárquica continuaria, contudo, a ser nevrálgica no programa filosófico nietzschiano, no qual o *pathos da distância* tem importância cabal. Assim, fica exposto o paradoxo de que, por um lado, a crítica de Nietzsche à democracia resulta tanto numa concepção política radical aristocrática (com o caráter aprofundador do niilismo passivo político) e, por outro, numa possibilidade de construção de uma democracia radical, sem o apagamento das diferenças.

¹ George Brandes (1842- 1927): pensador dinamarquês. Influenciou a literatura escandinava na virada do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

² DETWILER, Bruce. *Nietzsche and the politics of aristocratic radicalism*. Chicago: University of Chicago Press, 1990. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line - Trazendo a discussão para o século XXI, em que medida a crítica de Nietzsche à democracia continua válida?

Márcia Junges - Ainda que alarmantes, as acusações de Nietzsche ajudam a compreender diversos aspectos da sociedade atual, sobretudo se pensarmos que uma de suas afirmações mais corretas diz respeito à noção de que o liberalismo descambou numa compreensão de liberdade que desemboca num relativismo vazio. As tradições do passado estariam, assim, ameaçadas, e o presente, imobilizado por uma apatia que resulta na decadência e na corrupção. A solução nietzschiana da grande política é legitimada não por um contrato social ao modo rousseauiano, e sim pela noção de cultura, ou ainda, por um viés “supramoral”³, calcado na vontade de poder. Esse aspecto apresenta muitas dificuldades, como aponta Pearson, para quem o desejo do filósofo em que o além-do-homem conduza a humanidade passa por uma consecução de atitudes amorais. Todavia, tendo em vista que a democracia criticada por Nietzsche é a democracia liberal da segunda metade do século XIX, sobretudo aos movimentos da Alemanha de Bismarck⁴, é forçoso admitir que sua crítica possui certa dose de razão ao identificar os traços niilistas passivos contidos nesse sistema político. Como aponta Schumpeter⁵, no caso das democracias representativas, a participação popular fica restrita ao processo político e circunscrita por ele, uma vez que os sujeitos políticos são caracterizados por sua

³ PEARSON, K. A., *Nietzsche como pensador político*. 1997, p. 167. (Nota da entrevistada)

⁴ Otto Leopold von Bismarck (1815 - 1898): um dos mais importantes líderes nacionais do século XIX; enquanto primeiro-ministro do reino da Prússia (1862 - 1890) unificou a Alemanha, depois de uma série de guerras que levou a cabo com sucesso, tornando-se o primeiro Chanceler do Império Alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ Joseph Alois Schumpeter (1883 -1950): economista austríaco, entusiasta da integração da Sociologia como uma forma de entendimento de suas teorias econômicas. Seu pensamento esteve em debate no I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU em 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

natureza instável e consumidora. Macpherson¹ salienta que a passividade dos eleitores é estimulada por um sistema político configurado justamente com esse propósito. Conscientes dessas características, os partidos podem explorá-las convenientemente. Isso se parece, ou não, com o que assistimos nessas eleições?

IHU On-Line - Alguns autores como Lawrence Hatab² e Chantal Mouffe³ propõe repensar a democracia através do pensamento de Nietzsche. Como isso é possível?

Márcia Junges - Um dos grandes paradoxos que encontro em Nietzsche está em sua recepção política. Usado como fundamento pelas mais diferentes correntes ideológicas (basta lembrar das imputações terríveis a ele creditadas por conta da apropriação indébita pelo nacional-socialismo, tema que aqui, por questão de espaço, fica impossível de abordar), o filósofo, embora indiretamente, não renega por completo a democracia, mesmo que a ela desfira críticas ferozes. Esse sistema político seria mais um jogo de antagonismos. E é pelo engendramento desses antagonismos que será possível pensar os movimentos culturais. No aforismo 242 de *Além de bem e mal*, ele afirma que o homem animal de rebanho é tão desejável quanto o homem de exceção, portanto não quer exterminar com os primeiros em privilégio dos segundos. Assim, é necessário entender as idéias nietzschianas dentro de um conceito de antagonismos para que possamos captar as sutilezas de sua crítica à política moderna. Se por um lado, é

¹ Crawford Brough Macpherson (1911-1987): cientista político canadense, autor de *A democracia liberal. Origens e evolução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978 e considerado teórico da democracia liberal. (Nota da *IHU On-Line*)

² Lawrence Hatab: filósofo americano, autor de *A Nietzschean Defense of Democracy: An Experiment in Postmodern Politics*. Illinois: Open Court Publishing Company, 1995. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Chantal Mouffe: filósofa americana, autora de *Dimensions of radical democracy*. London: Verso, 1992 e *The democratic paradox*. London: Verso, 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

fundamental que venham os novos filósofos, executores da grande política, é importante também que vivam aqueles que lhes dêem “suporte” - os últimos-homens, algo bem hierárquico e que nos remete à *República* de Platão, malgrado seu repúdio ao dualismo platônico. Entretanto, apenas ao além-do-homem será dada a chance do domínio de si, de legislar em função do comando da humanidade. Giacóia sinaliza, contudo, que é um equívoco pensar que as diferenças de estratificação econômica ou social fazem parte da proposta nietzschiana. O além-do-homem não teria um sentido social ou biológico. A figura do nobre e do senhor seriam provocações à Modernidade, e o aristocrata nietzschiano um aristocrata do espírito. Por isso, num conjunto, não se pode nem se deve entender o rebanho como massa de manobra dos senhores, sobretudo porque Nietzsche já enxergava uma escravidão remunerada na Modernidade.

Uma democracia agonística?

Assim, paradoxalmente, a política agonística nietzschiana também pode pressupor uma defesa da democracia, respeitando as diferenças, os antagonismos e os conflitos. Como o filósofo se inspirava no modelo grego aristocrático, defendia que as constantes políticas fomentadas pelo *agon* eram fundamentais para as cidades-estado e também para o avanço cultural. Uma homogeneização política poria fim ao conflito e instituiria o domínio de um indivíduo, apenas. Para preservar a liberdade da dominação, Nietzsche pensava na importância do *agon* como espaço público para a competição aberta. Aqui há uma possibilidade na filosofia nietzschiana para pensarmos em democracia. A política agonística não elimina as diferenças, mas dá espaço para que, pelo diálogo organizado, elas possam se manifestar.

Alan Schrift¹ explica que conflitos e antagonismos têm articulação fundamental com a democracia radical e plural. Tomando em consideração o pensamento de Nietzsche, tal aceção é plausível porque, pensando no *amor fati*, a existência é feita de momentos apolíneos e dionisíacos. Assim a política também precisa ser pensada. Nietzsche, nesse aspecto, ofereceria uma materialização do *agon* e, conseqüentemente, da democracia, ao afirmar a importância dessas contrariedades sociais. William Conolly é da mesma opinião e afirma que o *agon* e sua natureza contestatória como argumento a favor de uma democracia revigorada, entendida não como busca pelo consenso, mas com um espaço social dinâmico no qual o respeito agonístico está revestido “pelas contradições inerentes a qualquer sociedade”². Esse *pathos da distância* é fundamental para que as relações democráticas continuem a existir e

¹ Alan Schrift: filósofo americano, autor de *Why Nietzsche Still? Reflections on drama, cultura and politics, an interdisciplinary anthology of new essays on Nietzsche*. Berkeley: University of California Press, 2000. (Nota da IHU On-Line)

² SCHRIFT, A., *A disputa de Nietzsche: Nietzsche e as guerras culturais*. 1999, p. 16. (Nota da entrevistada)

se fortaleçam. Assim, as diferentes propostas da política agonística nietzschiana não podem ser pensadas como oposição ou contrários inconciliáveis, mas como contrariedades fundamentais para a tolerância e a emergência do novo. A crítica nietzschiana a esse sistema político centra-se na tentativa cristã de uniformização, de extirpação das diferenças pensadas sempre e apenas como oposições maniqueístas. Nesse sentido Nietzsche é antidemocrático. Se pensarmos, entretanto, na sua celebração agonística, aí podemos encontrar elementos de fomento à prática democrática, embora, como salienta Schrift, Nietzsche não vinculou o *agon* à democracia³. Cabe destacar que, ao fim de nossas investigações, entendemos que dentro dessas ambigüidades democráticas e anti-democráticas, há um acirramento destas últimas e, por isso, em linhas gerais, pensamos Nietzsche como anti-democrático, corroborando a apatia e negando a participação política do último-homem.

³ Ibid., *A disputa de Nietzsche: Nietzsche e as guerras culturais*. 1999, 20. (Nota da entrevistada)

Irmão Sol, Irmã Lua

IDADE MÉDIA E CINEMA II

Ficha Técnica

Título Original: *Fratello Sole, Sorella Luna*

Gênero: *Drama*

Tempo de Duração: *121 minutos*

Ano de Lançamento (Inglaterra): *1972*

Estúdio: *Vic Films / Euro International Film S.A.*

Distribuição: *Paramount Pictures*

Direção: *Franco Zeffirelli*

Roteiro: *Suso Cecchi d'Amico, Kenneth Ross, Franco Zeffirelli e Lina Wertmüller*

Produção: *Dyson Lovell e Luciano Perugia*

Música: *Riz Ortolani e Donovan*

Edição: *Reginald Mills*

Sinopse: A trajetória da vida de São Francisco de Assis (Graham Faulkner), que, quando jovem, era filho de comerciantes ricos e desfrutava de vinho, mulheres e canções sem ter nenhuma preocupação. Quando a guerra e a doença assolam a região onde vive, ele sofre uma grande transformação. Ao aparecer diante do bispo local e tirar suas roupas renuncia sua vida prévia para se dedicar a Deus. Mas sua pregação só iria chegar ao ápice ao ir para Roma, para ter uma audiência com o papa Inocêncio III (Alec Guinness).

Um verdadeiro clássico do cinema, Irmão Sol, Irmã Lua, dirigido em 1972 por Franco Zeffirelli, será exibido em 18 de novembro na programação do evento Idade Média e Cinema II, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Anote e participe: das 8h30min às 12h, na sala 1G119 do IHU. Quem conduz a discussão posterior à exibição do filme é o Prof. Dr. José Alberto Baldissera, da Unisinos. Para debater o assunto, a IHU On-Line propôs as duas entrevistas que seguem: a primeira, com o capuchinho gaúcho Luiz Carlos Susin, e a segunda com Baldissera, ambas realizadas por e-mail.

Susin é secretário executivo do Fórum Mundial de Teologia e Libertação (FMTL) e coordenou o primeiro Fórum Mundial de Teologia e Libertação, realizado em Porto Alegre, em 2005, às vésperas do Fórum Social Mundial. Entre suas inúmeras contribuições à IHU On-Line, destacamos a mais recente, na edição 175, de 10-04-2006, quando repercutiu uma entrevista concedida pelo teólogo espanhol José Maria Vigil, que critica o primeiro Fórum Mundial de Teologia e Libertação e tece comentários sobre o Fórum Social Mundial de Caracas, realizado em janeiro deste ano. A entrevista que inspirou a conversa foi publicada na página do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, endereço www.unisinos.br/ihu, no dia 15-03-2006. Atualmente, Susin leciona na Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É teólogo graduado pela PUCRS, mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Itália. Para Susin, a vida de São Francisco de Assis inquieta e fascina, inclusive em nossos dias, e é um “prato cheio para a psicanálise”. Confira.

“Uma biografia inquietante e fascinante também para nosso tempo”

ENTREVISTA COM LUIZ CARLOS SUSIN

IHU On-Line - Considerando o filme de Zeffirelli, como é possível compreender os ideais franciscanos hoje, no século XXI?

Luiz Carlos Susin - Zeffirelli era cenógrafo da Grande Ópera, e seu filme reflete um bocado a grande cena com estética refinada. A grandiosidade poderia ter obscurecido o espírito típico de Francisco. Mas ele

contou com a consultoria de excelentes pesquisadores da história franciscana, sobretudo de Francisco e de Clara. O século XX se caracterizou por uma “volta às fontes” e o filme de Zeffirelli se beneficiou disso. Os ideais franciscanos são recuperados de forma segura e humanamente compreensível, e traduzidos em linguagem cinematográfica de forma bastante convincente. No

entanto, trata-se apenas dos anos agitados de juventude, não de todo o desdobramento da sua vida, que teve surpresas até o final.

IHU On-Line - O que o homem contemporâneo, muitas vezes pautado pelo consumismo e pelo imediatismo, pode aprender com a trajetória de São Francisco de Assis?

Luiz Carlos Susin - Em certa medida, como biografia pessoal e contexto cultural, a originalidade de Francisco não pode ser imitada. Alguns acontecimentos extremos de sua vida, desde a relação tumultuada com o pai, a educação para “saltar de classe social”, a vaidade e a mania de grandeza com a conseqüente frustração e depressão, tudo isso obrigou, de certa forma, a remédios extremos que não podem ser entendidos e menos ainda aplicados fora de sua biografia. Ele precisou elaborar com muito custo a sabedoria do equilíbrio, o “caminho do meio”. Mas exatamente por isso ele se torna um paradigma, um modelo amplificado, dos desequilíbrios e das possíveis buscas de soluções autênticas para uma cultura exacerbada em aparências e gostos. Por trás disso, ele já tinha, na figura de um pai mercador, o início de uma sociedade em que o dinheiro ganha poder e dá sustentação ao consumo. Ele foi mestre em experimentar, em entender a fundo, em desmascarar e reagir de forma saudável a isso. Por isso, tem uma biografia inquietante e fascinante também para o nosso tempo.

IHU On-Line - Como a peregrinação de Francisco e seu desprendimento aos bens materiais influenciou a espiritualidade franciscana e o surgimento das ordens mendicantes? Ainda hoje é possível ser um peregrino? E qual é o significado desse tipo de evangelização?

Luiz Carlos Susin - Tornar-se um “nômade” num mundo globalizado, em que há o incremento do turismo dos que têm dinheiro e a migração mais perturbadora dos

que buscam o mínimo de recurso, é um dos grandes fenômenos antropológicos da ordem do dia. Mas ser “peregrino”, se tem algo em comum, tem um coração diferente: anda em busca de algo sagrado. O choque do despojamento, um choque não planejado que lhe veio por sobre a cabeça, e a descoberta da humanidade e do evangelho com os simples na periferia da sociedade cumpriu a primeira parte: a disposição a peregrinar de forma despojada. A segunda parte, a mendicância, além de ser uma terapia de choque para sua vaidade, tornou-se, mais essencialmente, um método de evangelização na busca de relacionamento em torno de uma “mesa comum”: os bens da criação para todos e o trabalho como uma dádiva e como contribuição para os que necessitam da mesa comum e não podem trabalhar - no caso dele, sobretudo os doentes. Francisco desconectou o trabalho do sagrado direito de propriedade sobre o produto do trabalho, por um lado, mas antes disso desidentificou “bens” e “propriedades”. Ao pedir esmola, mesmo depois de trabalhar e não receber nada pelo trabalho, ele estava revelando que não há razão para “o meu e o teu”, tudo é dom para todos. É sobre esta relação de socorro da necessidade, de carência exposta, confessada, que se solidifica a gratuidade da fraternidade.

IHU On-Line - Como o senhor explica a experiência de conversão de Francisco? E qual foi o impacto dessa decisão para a época, sobretudo no contexto social do qual provinha Francisco?

Luiz Carlos Susin - A personalidade extremada de Francisco tornou-se complicada para uma imitação posterior, como já sugeri. E não se trata de um “temperamento” inato, mas algo forjado no contexto familiar e social de seu tempo. Ele foi esmagado pela ambição e projeção paterna, foi uma bolha que primeiro inflou e depois rompeu. Nada foi programa, não se tratou de algo “voluntarista”. Ele viu na grande crise, na

“resiliência” à qual foi submetido, e na grande transformação, a mão mesma de Deus. Outros jovens e mesmo pessoas mais adultas, inclusive mulheres bem mais jovens, como foi o caso de Clara, experimentavam algo muito próximo de sua experiência. Por isso houve um “boom” de seguidores, provindos inclusive de classes diferentes. Depois dos fatos narrados por Zefirelli, Francisco viveu somente mais vinte anos, sempre de forma muito intensa e criativa. Os que o seguiam não tinham sempre o mesmo impulso, e então veio cada vez mais a instituição, a regra, a formalidade. Mas ficou a “memória inquieta”.

IHU On-Line - O homem vem depredando seu próprio planeta. Em que aspectos o pensamento de Francisco poderia nos fazer mudar essa postura?

Luiz Carlos Susin - A figura de Francisco é facilmente engolida por uma espiritualidade romântica de unidade com a natureza. Isso não condiz com a experiência de Francisco. No tempo em que foi “ao fundo do poço” até a natureza o aborrecia. Quando ele a redescobriu, foi na forma de relacionamento fraterno e sororal: não são sítios para nosso prazer bucólico nem são parte de um organismo vivo sem alteridade. Todos os elementos são

“outros”, numa relação que pode ser cordial se eu tomar iniciativa cordial, como o lobo ou o fogo. A distância antes da unidade, a renúncia e o despojamento antes da comunhão, tornam pura a relação de fraternidade. Francisco podia falar com o lobo, com as cotovias, com o céu sereno porque tinha aceitado também o céu nublado e “toda sorte de tempo com que às tuas criaturas dás sustento” (Cântico do Irmão Sol).

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Luiz Carlos Susin - A filmografia sobre Francisco segue a de Jesus: sua rica personalidade, poeta por impulso místico, ecologista por espiritualidade fraternal, foi uma personalidade que passou pela complexidade para se revelar em simplicidade. Por isso é intrigante e paradoxal: meiga e viril, refinada e direta, humilde e cortês, com longo percurso de luto e integração para desembocar na perfeita alegria. É prato cheio para a psicanálise: um dos livros mais interessantes que buscam uma compreensão psicanalítica de Francisco se intitula ***De Narcisse à Jésus. La quête d'identité chez François d'Assise***. Montréal et Paris: Éditions Paulines et Cerf, 1992 (*De Narciso a Jesus*), de Marc Charron.

Uma verdadeira e bela poesia

ENTREVISTA COM JOSÉ ALBERTO BALDISSERA

Professor no curso de História da Unisinos, José Alberto Baldissera é graduado em Filosofia e em Letras, mestre e doutor em Educação pela PUCRS. O professor é autor da obra O Livro Didático de História - uma visão crítica. 4. ed. Porto Alegre: Evangraff, 1994 e co-autor do livro História do Pensamento Humano. São Leopoldo: Unisinos, 1995, entre outros. Ele foi entrevistado pela IHU On-Line de 29 de agosto de 2005, edição nº 153, a respeito da primeira palestra do evento Idade Média e Cinema, em 3 de setembro, que concedeu em parceria com o Prof Dr José Rivair de Macedo, da UFRGS. Na edição 162, Baldissera falou sobre O nome da rosa, filme inspirado em livro de nome idêntico, de Umberto Eco, apresentado na Idade Média e Cinema, no IHU, em 2005. A contribuição mais recente de Baldissera à IHU On-Line aconteceu na edição 170, de 06-03-2006, com a entrevista O rei dos reis - em busca de um Cristo mais divinizado.

IHU On-Line - Quais são os maiores méritos de Irmão Sol, Irmã Lua do ponto de vista cinematográfico? Qual é a atualidade dessa produção?

José Alberto Baldissera - *Irmão Sol, Irmã Lua*, de Franco Zeffirelli tem o mérito de abordar, ou melhor, de apresentar através de um corte, ou prisma delimitado, aspectos da vida de um dos santos mais populares da Igreja Católica: São Francisco de Assis (*o Poverello*, o pobrezinho) como também é referenciado. O que é apresentado no filme não implica em tudo o que São Francisco pregou nem no que provocou na sociedade de seu tempo, ou em relação à própria Igreja. Detêm-se, principalmente na conversão de Francisco, na formação de seu grupo inicial, e também, quando ele vai a Roma (1210) com os seus doze primeiros discípulos obtendo do Papa Inocêncio III a aprovação verbal da primeira Regra dos Frades Menores que, conforme o historiador Jacques Le Goff¹ está perdida. Na obra de Zeffirelli tudo é

¹ LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Lisboa / Portugal: Teorema, 2000.

dirigido praticamente para aquilo, que o próprio Papa Inocêncio III, ao recebê-lo disse que o próprio Deus teria dado a ele, Francisco, “a graça de se aproximar Dele, através de suas amadas criaturas”.

O filme de Zeffirelli também mostra na sua parte inicial a reação da família de Francisco principalmente, com a mãe e o pai. Também, é claro, com os amigos e a Igreja.

Como cinema os méritos do filme sob o ponto de vista estético é excelente. E como é do estilo de Zeffirelli, com tomadas belíssimas, principalmente quando mostra a natureza. Isto tudo ajuda a ambientar a história contada com bom gosto propondo uma comunhão perfeita entre Francisco e a natureza, as árvores, as flores, as aves que ele tanto ama e que fazem parte da essência de sua pregação e do seu contato com Deus.

IHU On-Line - Como essa obra ajuda a mostrar a realidade social da Idade Média?

José Alberto Baldissera - Quanto a mostrar a realidade social da Idade Média nessa época no final do século XII e

na primeira parte do século XIII (Francisco morre em 1226) é bastante superficial no sentido de reconstituição histórica se considerarmos toda a evolução sociopolítico-econômica e cultural dessa época. Refere ao aspecto comercial, que estava em desenvolvimento, principalmente, através da figura do pai de Francisco um rico comerciante de tecidos da cidade de Assis. Também, esboça o poder a pompa da Igreja e a corte papal e em especial do Papa Inocêncio III.

A ambientação da cidade de Assis é perfeita. Aliás a Itália se presta muito a essas ambientações medievais pela sua história e a conservação desses ambientes. As tomadas devem ter sido feitas em vários lugares, pois, não parece, a principio, que tudo tenha acontecido na atual cidade de Assis, e não há nos créditos do filme maiores informações quanto a isso. Porém, o filme que já tem pouco mais de duas horas não poderia mostrar toda a complexidade da sociedade medieval de então. Nos parece que a ambientação proposta por Zeffirelli e pelo próprio roteiro do filme é suficiente para os aspectos da vida de Francisco que foram abordados. Pois como já foi dito é um corte feito sobre a vida de São Francisco de Assis onde não chega a abordar a construção da Ordem, de sua divisão e das relações com a Igreja. Também não se discute outros aspectos da proposta franciscana. O que é mais enfatizado é a opção pelos pobres e também por uma opção de vida afastada de riquezas materiais e em contato com a natureza. Nos parece que a abordagem feita por Zeffirelli é suficiente e criativa para nos passar a importância de São Francisco de Assis e aspectos importantes de sua proposta de vida e de sociedade, trazendo de volta o “verdadeiro” Cristo, e não mais o cristianismo opulento veiculado pela Igreja da época.

IHU On-Line - No quesito religião, acredita que Zeffirelli conseguiu representar a experiência mística de Francisco de Assis?

José Alberto Baldissera - Penso que uma experiência mística, jamais será atingida por palavras, ou mesmo visualmente, como nesse caso, através do cinema. No entanto, podem-se sugerir traços marcantes de uma experiência mística, mesmo que não se a atinja na sua essência por completo. Acredito que a arte nesse caso o faz de uma maneira extraordinária e de uma forma muito mais sensível e criativa do que uma abordagem racional ou científica. E nesse caso o filme de Zeffirelli é tocante e há momentos de uma verdadeira e bela poesia para nos sugerir o que seja isto. Nesses momentos o filme conjuga as tomadas de cena a música e a interpretação dos personagens de uma forma onde na mensagem que nos chega transparece a comunhão com a natureza, com a simplicidade e com um grande louvor à vida e ao seu Criador.

IHU On-Line - De que modo Irmão Sol, Irmã Lua mostra o surgimento da Ordem dos Franciscanos Menores? Quais são as aproximações da ficção com a realidade?

José Alberto Baldissera - O filme não chega a discutir sobre aspectos da Ordem dos Franciscanos Menores, pois como sabemos as dissensões no interior da Ordem dos Menores já começam ainda durante a vida de São Francisco. E como afirma o historiador Jacques Le Goff os *Spirituali* ou *Fraticelli* vão se apresentar cada vez mais extremistas na austeridade e hostis a Roma, vendo-se reduzidos a posições heréticas. Enquanto que, os *Conventuali* aceitaram seguir a Regra interpretada e completada por bulas pontifícias que atenuaram a prática da pobreza. O que é mostrado é o pensamento original que teria sido proposto por Francisco. Portanto não é aqui uma questão de aproximação ou não da ficção com a realidade, pois não há porque discutir esse aspecto no filme, uma vez que ele se propõe a mostrar mais o lado poético e religioso de São Francisco do que discussões religiosas ou abordagens teológicas. Mesmo

assim sabemos que a arte se permite criar, o que faz parte de sua própria essência, e durante o filme pode-se apontar vários momentos ou características ficcionais, e isso não desmerece em nada a proposta de Zefferelli, pois também sabemos que mesmo a História-Ciência é eivada de ficções, onde muitas vezes é bastante difícil, e até impossível separar a ficção da realidade.

IHU On-Line - E a respeito de Santa Clara, seguidora de Francisco, quais seriam as cenas mais significativas do filme?

José Alberto Baldissera - A personagem de Santa Clara aparece em momentos importantes em relação a São Francisco. A primeira cena ele a vê levando comida para os leprosos o que o deixa perplexo e ao mesmo tempo se afasta com certa repulsa. Mais tarde quando da sua “conversão” ele vai entender esse gesto, e é claro, também o pratica. A relação dos dois é proposta como uma comunhão de poesia e amor (não material) onde os dois se irmanam e se aproximam de Deus através da natureza e das criaturas.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não-questionado?

José Alberto Baldissera - Quando o filme foi produzido (1972) ainda havia os respingos dos movimentos estudantis, de uma juventude, sedenta querendo uma sociedade diferente, menos desigual e violenta, e do movimento *Hippie* propondo Paz e Amor. O filme cabe perfeitamente dentro dessas propostas, e a figura de São Francisco, depois que o filme é lançado, torna-se um

verdadeiro ícone pelos anos 1970 a fora. O próprio São Francisco teria dito: “Disse o Senhor para mim que queria que eu fosse um novo louco no mundo”. O seu lado “revolucionário” aparece quando resolve escolher os pobres e os simples como exemplos e modelos e quando decide pregar nas praças públicas, junto ao povo, enfrentando a sociedade de seu tempo.

Mas, Le Goff chama a atenção também a um aspecto “reacionário” de Francisco. A Europa se encontrava num desenvolvimento ascendente onde as Universidades reencontravam o conhecimento e ele condena os livros e a ciência, pois esses levariam à superioridade e daí ao poder. Condena também o dinheiro quando a Europa começa a fazer grande uso dele, levando a passagem do mundo feudal para a abertura do capitalismo. O mesmo historiador ainda afirma que Francisco equilibrou-se a um passo da heresia. Lembra, ainda, que não é certo que Francisco quisesse fundar uma Ordem. Sua preferência seria para uma “Fraternidade”, um grupo de poucos como foi o grupo que seguiu Jesus. Le Goff ainda acrescenta que “(...) a poesia que se desprende de São Francisco, a lenda que dele emanou em vida fazem de tal modo parte de sua personalidade, da sua vida, da sua ação que nele Poesia e Verdade se confundem”. E o escritor Chesterton¹ ainda nos lembra “(...) esse grande místico não via sua religião como uma teoria, e sim como um caso de amor”.

¹ CHESTERTON, Gilbert Keith. *São Francisco de Assis e São Tomás de Aquino*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Oncologia Pediátrica: desafios do psicólogo hospitalar junto à família

ENCONTROS DE ÉTICA

Oncologia Pediátrica: desafios do psicólogo hospitalar junto à família é o tema que a Psicóloga Bárbara Cristina Steffen apresentará nos Encontros de Ética da segunda-feira, 20 de novembro. A atividade, aberta a toda comunidade acadêmica, tem entrada franca e vai das 17h30min às 19 horas, na sala 1G119 do IHU. Confira abaixo a entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - Qual a sua opinião a respeito do tratamento psicológico da criança com câncer no Brasil? Ele perde em algum quesito para o de países desenvolvidos?

Bárbara Steffen - A Psicologia é uma ciência que tem se desenvolvido muito no mundo todo, havendo, no Brasil, um crescente aumento no interesse dos profissionais pela área hospitalar. O tratamento psicológico adotado com crianças com câncer é de extrema qualidade e conta, além do preparo técnico, com a criatividade dos profissionais psicólogos. Grande parte dos pacientes oncológicos é atendida pelo SUS e, assim, é necessário que o psicólogo, muitas vezes, arque com despesas para oferecer ao paciente recursos mais variados ao longo dos atendimentos. Penso que o Brasil não perde em qualidade para outros países, uma vez que estamos tendo acesso às novidades científicas por meio de congressos e outros eventos, bem como bibliografias especializadas. Além disso, os psicólogos brasileiros têm contribuído consideravelmente para a produção de novos conhecimentos. É claro, são necessários maiores incentivos para que se desenvolvam pesquisas que proponham intervenções mais assertivas com o intuito de que todos os pacientes crônicos (não apenas os oncológicos) recebam tratamento especializado e devidamente qualificado.

IHU On-Line - Quais são as ações e as condições ideais para se obterem melhores chances de cura do câncer infantil?

Bárbara Steffen - Pesquisas realizadas pelo Instituto Nacional do Câncer afirmam que 70% das crianças acometidas de câncer podem ser curadas se diagnosticadas precocemente e tratadas em centros especializados. Diagnóstico precoce, portanto, é o primeiro passo para o sucesso do tratamento. Depois desta etapa, a adesão ao tratamento e os cuidados com alimentação passam a ganhar importância. É sabido que o tratamento do câncer pode ser comparado a uma caixa de surpresas: mesmo que tudo seja feito da maneira correta não há como prever o resultado final. O fato é que jamais se desiste de lutar. “Enquanto há vida, há esperança” e hoje há tecnologia disponível para garantir a cura em escala progressiva.

IHU On-Line - Iniciado o tratamento, como aliviar o sofrimento e melhorar a qualidade de vida dos doentes e seus familiares?

Bárbara Steffen - O câncer é uma doença que causa grande abalo emocional, tanto no paciente quanto nos seus familiares, pois, apesar de já terem sido alcançados elevados índices de cura, continua sendo uma doença associada à morte. Além disso, ele gera mudanças

bruscas na rotina das pessoas envolvidas. Por tal razão, o acompanhamento psicológico é de vital importância, uma vez que ele ajuda o paciente e seus familiares a compreenderem os eventos relacionados ao tratamento, a lidar com seus medos e frustrações. Porque a equipe médica não dispõe de tempo para permanecer com o paciente por períodos mais longos, contribuimos com a melhoria da qualidade de vida na medida em que tornamos o ambiente de tratamento um *setting* de acolhimento; quando conseguimos escutar o sofrimento e ajudar a dar algum sentido a ele.

IHU On-Line - Qual a melhor posição a tomarmos diante de um filho ou de uma criança com câncer? O que deve e o que não deve ser feito?

Bárbara Steffen - Os pais são as pessoas de referência para a criança. Se ficarem apavorados, desmotivados com o tratamento, desesperados na frente do paciente é assim que ele reagirá ao seu diagnóstico, provavelmente tendo dificuldades na adesão ao tratamento. É de vital importância que os pais consigam dar apoio ao seu filho, reconhecendo o sofrimento dele, mas demonstrando esperança por meio de suas ações ao longo do período do tratamento. A criança precisa de pais efetivamente presentes. Não basta ficar sentado ao lado do leito do hospital durante a quimioterapia, é necessário que haja envolvimento, participação, conversa, brincadeiras... é preciso proporcionar à criança um ambiente acolhedor.

IHU On-Line - Qual a sua opinião sobre o "brincar no hospital"? Como isso ajuda no tratamento? A musicoterapia é válida?

Bárbara Steffen - Brincar no hospital é uma das melhores "ferramentas" de trabalho utilizadas pelos psicólogos. Isso porque, ao brincar, a criança vence o exterior, nos brinquedos. Com o auxílio dos brinquedos, ela consegue simbolizar e elaborar de maneira saudável suas experiências. A musicoterapia também é um instrumento válido porque proporciona a externalização dos sentimentos e, uma vez conhecidos pelo terapeuta, podem ser devidamente trabalhados.

IHU On-Line - Qual o impacto de uma criança com câncer na vida de uma família?

Bárbara Steffen - Quando pais recebem a notícia de que seu filho está com câncer, o abalo emocional é tão grande que, via de regra, eles ficam totalmente desorganizados. Não sabem se o melhor é chorar, gritar, culpar alguém, pedir socorro. Como dizem, têm a sensação de que o "chão saiu de baixo de seus pés". É possível que irmãos das crianças doentes também apresentem sintomas (pois passam a receber menos atenção do que o filho enfermo). Outro risco é que comecem a ocorrer conflitos conjugais com maior frequência, em decorrência tanto do estresse ao qual todos ficam submetidos quanto do pouco tempo livre que resta em função de todo o tratamento oncológico.

Nota de esclarecimento

A redação da *IHU On-Line* esclarece que a edição 203, de 06-11-2006, *Michel Foucault, 80 anos - compreensão e rebeldia* foi planejada a partir dessa data alusiva ao nascimento do filósofo. Enquanto estávamos preparando a edição, realizou-se III Colóquio franco-brasileiro de

filosofia da educação: Foucault 80 anos, ocorrido de 9 a 11-10-2006 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Na elaboração da edição contamos com o apoio e a colaboração de Walter Omar Kohan, da organização do evento promovido pela UERJ, a quem agradecemos.

Carta do Leitor

“Quero parabenizá-los pelo número da revista IHU sobre diversidade sexual. É justo e salutar que o mundo católico comece a se abrir para esta realidade. Já repassei o número a uma multidão de pessoas. Ele é bastante apreciado. Da minha parte, estou bem envolvido com este tema. O Departamento a pertença na PUC, Serviço Social, tem uma boa abertura para a questão. Elaborei

um projeto de pesquisa sobre homossexualidade e catolicismo, e, em breve, vou registrar no CNPq um grupo de pesquisa sobre diversidade sexual, direitos sociais e religião. Coloco-me à disposição para mais informações e eventual colaboração.”

Prof. Dr. Luís Corrêa Lima, professor e pesquisador da PUC-Rio

Almiro Petry

Catarinense de Itapiranga, Almiro Petry está na Unisinos desde seu início, em 1970. Professor nas Ciências Sociais, defendeu recentemente sua tese de doutorado. Conheça um pouco mais de Almiro Petry na entrevista a seguir.

Origens - Nasci em Itapiranga (na época ainda era Território Federal do Iguazu), Santa Catarina, em 1944. Sou o filho mais novo de sete irmãos.

Infância - Minha infância foi muito divertida e sofrida. Na parte da manhã, eu estudava e à tarde ajudava meus pais a trabalhar na roça, como se faz no interior. Fazíamos nossos próprios brinquedos, como os carrinhos de lomba. Nos fins de semana, juntávamos a turma da vizinhança e praticávamos “tiro ao alvo” com nossos estilingues. Não jogávamos bola porque não tínhamos uma.

Pais - Meu pai nasceu em 1895, em Lajeado, descendente de alemães. Meu avô veio da Alemanha em 1891, no Brasil. Ele casou com minha mãe e, em 1931, migraram para Itapiranga, que, na época, se chamava Porto Novo, uma colonização de origem alemã, assessorada por padres jesuítas. Meu pai faleceu aos 67 anos, e minha mãe em 1987, com 86 anos.

Estudos - Estudei o primário em Linha Fortaleza (interior de Itapiranga). Após fui para o seminário, que, na época, se chamava escola apostólica, em 1955, onde cursei o 5º ano. Em 1957, fui para a escola apostólica em Salvador do Sul, onde fiquei sete anos, cursando o ensino fundamental e médio. Logo depois, cursei o noviciado da Companhia de Jesus por dois anos, em Pareci Novo.

Depois segui para São Paulo para cursar Filosofia, e após, fui destinado para atuar no Colégio Catarinense em Florianópolis para o Magistério. Em 1970, vim para São Leopoldo para estudar Teologia no Colégio Máximo Cristo Rei. Na mesma época, iniciou a Unisinos, onde comecei a lecionar. Após sair da Companhia de Jesus, fiz meu mestrado em Sociologia Rural, na UFRGS. Em 2000, iniciei o doutorado em Ciências Sociais, aqui na Unisinos, tendo defendido a tese no dia 1º de novembro, na semana passada.

Carreira - Minha carreira de professor está vinculada aos estudos que fiz para ser padre. Enquanto eu estava cursando Filosofia, fiz, paralelamente, o curso de Ciências Sociais. Entrei na Unisinos como professor na cadeira de Realidade Brasileira que, na época, se chamava Estudo de Problemas Brasileiros. Cursei o mestrado dentro desse mesmo tema. Foi uma opção em função da disponibilidade de cursos que havia naquele tempo. Como a Filosofia era obrigatória para os estudos eclesiásticos, cursei também Ciências Sociais para ter uma outra área de formação, estimulado na época pela Companhia de Jesus.

Casamento - Conheci a Nilsa, minha esposa, no casamento do seu irmão. Casamos em 15 de dezembro de 1973.

Filhos - Meu filho mais velho, Mauro, nasceu em 1975. Parte da minha dissertação de mestrado, fiz com ele no colo. Agora, na escritura da tese doutoral, era minha neta que me acompanhava. O Mauro é formado em Engenharia Mecânica. Minha filha, Denise, é arquiteta, formada pela Unisinos. O mais novo, Rodrigo, estuda Engenharia de Produção na Unisinos. Aliás, a Unisinos está incorporada em nossa família. A Nilsa se diplomou como nutricionista e depois se tornou professora do Curso de Nutrição, aposentando-se em 2002.

Horas Livres - Devido à minha carga horária, 40 horas na Unisinos e 20 horas na UFRGS, meu tempo livre é dedicado à correção de atividades acadêmicas, leitura e preparação de aulas.

Autor - Na área da Sociologia, gosto de Max Weber e de toda a escola da sociologia da compreensão. Entre os contemporâneos, simpatizo com Alain Touraine e agora Niklas Luhmann entrou neste rol de pensadores preferenciais.

Obra - *Economia e Sociedade*, de Max Weber. É um livro de cabeceira, consulto bastante.

Música - Aprecio a música clássica. Tenho preferência por Beethoven e Mozart.

Política - Não tenho filiação partidária, devido à minha formação, no entanto, cultivo princípios e valores. Também sou muito *weberiano*, no sentido de, como professor, não expressar as minhas preferências político-partidárias em sala de aula. É uma recomendação que Weber faz aos docentes, que não o façam na cátedra, e sim em praça pública. O momento político hoje é muito complexo, especialmente quando se trata do quadro ideológico extremamente indefinido e em transição, com novos movimentos no sentido de uma reconfiguração

político-partidária do País. Nem sempre o resultado das eleições expressa isso. A democracia tem essas peculiaridades, o leitor tem a sua liberdade de expressar suas preferências em relação aos candidatos ou partido. Acredito que “direita” e “esquerda” no Brasil hoje não são mais categorias aplicáveis, estão superadas ante a realidade que se configurou. É um momento político extremamente delicado, tanto interna quanto externamente.

Férias - Gosto de viajar, mas tenho muitas restrições hoje. Passo 14 dias na Praia dos Ingleses em Florianópolis, é o que tenho feito nos últimos 10 anos.

Unisinos - A Unisinos é a minha vida, a minha atividade. Estou aqui desde o início, em março de 1970.

Instituto Humanitas - O Humanitas é um ator diferente na Unisinos. É um lugar onde se consegue refletir, não de forma estritamente acadêmica, mas realmente com um olhar diferente da realidade econômica, política e social, especialmente sobre a exclusão social. O Instituto tem isso como missão. O IHU é hoje a alma viva da Unisinos, na perspectiva da busca de um movimento para discutir-se a problemática nacional, latino-americana e mundial, exercendo uma reflexividade na busca do avivamento acadêmico.